

Percursos Formativos na Nova Era Capitalista: do alternativo à busca da legitimidade profissional

Vanilda Paiva, Vera Calheiros,
Elisabeth Paiva, Carla Soares¹

“Percursos formativos” é uma noção cunhada a partir do conceito de Nova Era Capitalista (Paiva/Calheiros, 2001)². Parece hoje mais adequada que a noção de formação, considerando as rápidas transformações por que passa o mundo atual. Face à previsão de que dentro de alguns anos apenas uma pequena parcela da força de trabalho será necessária para assegurar a totalidade da produção, com conseqüente desemprego e rotatividade dos que trabalham não apenas entre diferentes empregos mas entre emprego e não-emprego, cada indivíduo se verá instado tanto a atualizar-se periodicamente, quanto a percorrer uma história profissional e de trabalho fragmentária, que supõe diversas mudanças de profissão no percurso ao longo da vida.

Parece ser necessário mencionar aqui preliminarmente que a perspectiva a partir da qual este artigo (e o anterior acima citado) foi escrito é a da constatação, com olhos abertos as transformações que vem ocorrendo de forma intensa no âmbito do trabalho, fenômenos para os quais Claus Offe (1989), já em 1980, chamou a atenção do meio acadêmico. Infelizmente, não raro no caso brasileiro, preconceitos ideológicos predominaram sobre a curiosidade e a liberdade intelectuais no debate que aquele famoso artigo desencadeou em diversas áreas. A tentativa de apreender fenômenos novos e de entendê-los sem as algemas do aprisionamento teórico-ideológico tem sido,

¹ Vanilda Paiva estudou educação, sociologia e neo-latinas na Universidade de Frankfurt/M, doutorando-se em 1978. Vera Calheiros é doutora em Antropologia pelo Museu Nacional da UFRJ. Elisabeth Paiva é mestre em Educação e professora da UVA,, Carla Soares é doutoranda do IUPERJ e professora da PUC/RJ.

² Nova Era Capitalista é um conceito aqui utilizado para designar o período que se inicia nas duas últimas décadas do Século XX. As mudanças que se produziram nessas 3 décadas e que se desdobrarão no século XXI, apesar de sua profundidade-que nos leva a considerar que entramos numa New Age, não atingem o cerne capitalista do modo de produção - que enfatiza, neste período, seu caráter pós-industrial e mercantil.

entre nós, frequentemente confundido com a aprovação moral dos rumos impostos pelo que estamos designando como Nova Era Capitalista (NEC) – e que não está muito distante do que Negt (2001), num livro marcado pela indignação, indica como “situação historicamente nova do capitalismo” a ser pensada como um ponto de inflexão importante no transcurso da história nos últimos séculos. Que muitos desses rumos significam um atentado à dignidade humana tal como a concebemos na sociedade do trabalho que marcou o século XX, *ça va sans dire*. A compreensão dos fenômenos correlatos à grande transformação que estamos assistindo certamente coloca muitas gerações de estudiosos frente à destruição de seu mundo ideológico, intelectual e até mesmo de vida - mas este é um problema para a psicologia e áreas afins. Não se trata de aprovar ou desaprovar moralmente movimentos (fundamentalmente movimentos do capital) sobre os quais e sobre cujas consequências pouco podemos, mas de – para além da indignação - tentar compreender o mundo em que vivemos. Isto não significa nenhum otimismo ingênuo frente à globalização e menos ainda sua apologia. O que ressaltamos com o conceito de Nova Era Capitalista é que as violentas mudanças que estamos assistindo e as que assistiremos daqui para a frente, trazem a marca da contradição que Marx – como que retirando a tampa da caixa de Pandora – identificou no capitalismo e com ela se alegrou, na medida em que viu nela um tipo de dinamismo capaz de permitir maiores possibilidades ao socialismo. Uma nova onda de absorção do alternativo pelo *Establishment*, é parte da mesma realidade que hoje gera desemprego e precarização e que nos leva a incorporar a palavra “percurso” ao tratar das identidades e da formação na Nova Era Capitalista.

Assim, a questão da fragmentação crescente da vida profissional será abordada neste artigo em conexão com a tendência a uma mais ampla absorção das práticas alternativas à dinâmica do capitalismo em sua Nova Era. Não se trata, evidentemente, de um fenômeno novo. Tendências assimilacionistas do alternativo *New Age* e análogos estiveram presentes ao longo dos últimos 50 anos, ocorrendo surtos mais fortes em determinados momentos. Se quiséssemos definir como alternativo tudo aquilo que integra o

movimento de “reforma da vida” (*Die Lebensreform*³), que desembocou em diferentes orientações ideológicas, teríamos – então – que retroagir, no reconhecimento de tais tendências, ao século XIX. Limitamo-nos, porém, nesta pesquisa nos limites do alternativo que marca a segunda metade do século XX e à crescente assimilação serviços correspondentes a visões “alternativas” de mundo se acelerou especialmente nos anos 90, indicando um momento de integração possivelmente mais intenso que décadas anteriores. Parece nova também a difusão obtida pela interpretação desta tendência como conquista do Ocidente pelo Oriente ou como um novo momento de “fusão” de tradições diferentes, quando a interpretação mais estabelecida nos meios intelectuais (e que não exclui as anteriores, desde que se mantenham subordinadas à afirmação mais geral) chama a atenção para o caráter de integração seletiva do Oriente pelo Ocidente, num processo que deixa de lado aquilo que não seja adequado ao seu bom funcionamento. Esta capacidade de convivência entre posições políticas diversas e orientações e práticas orientais deve ser mais bem discutida em texto específico, remetendo mesmo ao movimento alemão *Die Lebensreform* - que terminou por marcar muitas características da forma de viver alemã em todo o século XX e que não é propriamente infenso a leituras à direita.

. No entanto, não é possível deixar de assinalar o movimento do final do século XX frente a afirmações como *eu era maoísta, hoje sou taoísta* (de um de nossos entrevistados) ou à constatação de que nem a medicina tradicional chinesa nem o *I-Ching* perderam espaço porque os chineses integraram seletivamente o marxismo (como exemplo da racionalidade ocidental). Do mesmo modo, a Orientalização do Ocidente pode ser circunstancial, setorializada, conjuntural e sintetizada sob a forma de um “Oriente genérico” – que acaba sendo re-exportado para o oriente numa forma retrabalhada e assim re-assimilado num contexto fortemente influenciado pelo ocidente e seus padrões

³ Ver os catálogos (2002) da exposição *Die Lebensreform – Entwürfe zur Neugestaltung von Leben und Kunst um 1900* – Institut Mathildenhöhe Darmstadt. O que aqui tratamos, em última instância, oscila politicamente entre o conservadorismo do movimento “a reforma da vida” e seus correlatos (chegando à direita radical) que atravessa o fim do século XIX e a primeira metade do século XX até o movimento *New Age* e o ultra-esquerdismo dos *soixante-huitards*.

de racionalidade, num processo que – ao longo do tempo – também pode se “reorientalizar.”

Sem deixar de considerar tais questões escolhemos como campos empíricos, num universo composto por imensa gama de práticas, as terapias corporais, a alimentação natural e as mancias⁴, como a astrologia e o tarô – unificadas por ideias que podem ser encontradas genericamente no movimento *New Age*. Difundidas especialmente desde a segunda metade do Século XX, em círculos restritos e praticadas em residências muitas vezes de forma gratuita, sua presença na cidade do Rio de Janeiro tem crescido de forma exponencial – cidade na qual se realizou a pesquisa. Estas práticas começam a dividir-se entre uma nova forma monetarizada de prestação de serviços, internalizada nos lares, e uma profissionalização de caráter público, esta última foco de nosso interesse neste artigo.

Muitas perguntas podem ser levantadas frente à difusão dos serviços aqui tratados. Afinal, por que razão estas práticas, antes utilizadas para trazer bem estar às pessoas sob a forma de trabalho voluntário ou com remuneração simbólica, passam agora a constituir fonte sistemática de rendimento, tornando-se um serviço prestado como qualquer outro? Em outras palavras: quando e por que, mesmo quando mantém a antiga roupagem, são cada vez menos parte de um movimento reconhecido como contestação cultural e se transformam cada vez mais em práticas funcionais ao *Establishment*? Em que medida são ou pretendem tais serviços ser reconhecidos como correspondentes a profissões e que vantagens pode trazer tal reconhecimento? Como vem se dando a desconstrução da oposição proposta pela contracultura à sociedade industrial, tornando-a funcional ao Capitalismo em sua Nova Era? Que novas expressões das relações de mercado características do novo milênio atuam como cenário para as estratégias de inclusão e da busca de

⁴ O sufixo mância aqui substantivado deriva do grego *manteia*, que significa adivinhação. Quiromancia vem da junção de *kheir*-mão e *manteia*-mância, ou seja, adivinhação através das linhas da mão. Cartomancia - adivinhação por meio de cartas de baralho. Advinha quem detém a possibilidade de decifrar a mensagem-código - combinação, chave, segredo, cifra, explicação, solução -, o que nos remete a orientação ideológica empreendedorista.

legitimidade profissional de que faz uso a classe média em sua nova condição de “prestadora de novos serviços”?

A redução da oferta de empregos no setor formal da economia é cada vez mais expressiva tanto no setor secundário quanto nos serviços formalizados. Considerando-se que o terciário formal desenvolveu-se ligado pesadamente à indústria, nada mais natural que ele fosse igualmente atingido pela renovação tecnológico-industrial. Como saída para este impasse, parte da classe média começa a lançar mão de aspectos ligados a seu estilo de vida ou a suas crenças como tentativa de reinserção laboral ou simplesmente trata de buscar em práticas alternativas, de forma pragmática, um novo campo de oportunidades. Além disso, numa esfera social mais ampla, a precarização, o empobrecimento e a perda de proteção social, são acompanhados de propostas de auto-empresariamento e da utilização de conceitos como competências e empregabilidade. Estes integram uma ideologia altamente compatível com os padrões liberais da Nova Era Capitalista e aquelas propostas acabam sendo absorvidas tanto por segmentos pragmáticos que aprendem a usar práticas alternativas de forma seletiva e sem conexão com um ideário mais amplo e que simplesmente as oferecem ao mercado, quanto pelos setores autenticamente ditos alternativos ao se lançarem no mundo do trabalho em mudança.

Isto ocorre num contexto em que não só o conceito de competência toma o lugar do de qualificação, supostamente porque o primeiro implicaria em domínio e capacidade de aplicar conhecimentos, enquanto o segundo suporia a obtenção de um diploma, como ambos encaminham para o conceito de empregabilidade – que não se restringe apenas às condições subjetivas de integração dos sujeitos, mas atira aos indivíduos a responsabilidade por terem ou não trabalho, por disporem ou não das qualidades e atributos pessoais necessários à obtenção de postos de trabalho disponíveis ou por serem capazes de criar eles mesmos suas oportunidades de inserção. Para Bauman (2000:40/41), estaríamos diante de um processo de individualização que consiste em transformar a identidade humana de um “dado” em uma “tarefa” e encarregar os atores da realização desta mesma tarefa.

Esta orientação ideológica se desdobra em estratégias que funcionam como mecanismo de defesa contra a mobilidade descendente e a retração dos padrões de consumo. A crença na competência, como conhecimento, capacidade de utilizá-lo e como conceito que integra elementos subjetivos (por oposição à objetividade da qualificação), encontra eco nos valores presentes na cultura de importantes segmentos dos estratos médios. A “competência” veste-se, em muitos dos casos aqui tratados, de uma conotação mítica, passando pelo “carisma” e pela capacidade de gestão, tanto do próprio produtor quanto dos produtos diferenciados, aos quais se atribui um sinal positivo, diferenciando-os da “viração” das camadas populares. Esta incorporação positiva da ideia de competência pode desembocar numa valorização da precariedade e do acionamento de qualidades empreendedoras. Implica em aceitar o deslocamento, para o sujeito, de tarefas antes divididas com o empresário-investidor, cujo empenho e incertezas são altamente remuneradas quando há êxito. Multiplicam-se os pequenos empreendimentos em condições adversas, nas quais são assumidas tarefas e riscos por remuneração precária e com capacidade de sobrevivência igualmente precária. Quem vive do trabalho passou a ter que enfrentar problemas que antes pertenciam aos empresários e a participar de uma concorrência em que um termina por destruir muitos. Ou seja, do mesmo modo que - ao longo do período do Estado de Bem Estar - o salário e o emprego estável foram um sucedâneo da propriedade (e, portanto, do capital), como afirma Castel (1998), hoje o trabalho precisa se comportar como capital para poder realizar-se: este é o sentido da ideia de auto-emprego⁵.

Entre os segmentos alternativos, porém, tal ideia – ou seja, o empreendedorismo - é percebida como algo “inato” e não como resposta à situação de mercado. Ou seja, já estava presente neste segmento como parte do conjunto ideológico no qual se situa. Torna-se, assim, atributo qualificante, gerador de serviços altamente personalizados. Como parte das contradições

⁵ Os riscos e problemas dos capitalistas passaram a ser parte do universo do trabalhador, que se viu obrigado a transformar-se em gestor de si mesmo - na medida em que o capital já dele não necessita, mas a sociedade não pode suportar desemprego em massa mantendo a paz social, mesmo com “renda mínima” assegurada (renda mínima como expressão de uma riqueza que se distribui num nível mínimo para a maioria extranumerária).

inerentes à realidade desde momento do capitalismo é preciso reconhecer que tal ideologia e tais conceitos terminam por contribuir para a redução só o preconceito ao trabalho informal, mas também contra o trabalho manual entre estratos sociais médios e superiores. Este é um processo claramente visível no caso brasileiro.

Apesar da assimilação da ideologia que liga empreendedorismo-competências-empregabilidade – que traz em seu bojo a perda relativa do poder dos diplomas - um dos grandes desafios da incorporação e monetarização de atividades alternativas, antes confinadas a grupos específicos e na maior parte dos casos transmitidas informalmente, está na busca de legitimação profissional frente à sociedade mais ampla. São “profissões alternativas” que, ao entrarem no circuito mercantil, precisam criar e percorrer caminhos qualificatórios formalizados que complementarão – e eventualmente substituirão – as formas tradicionais através das quais suas atividades eram transmitidas a membros do mesmo grupo.

Discutiremos este processo apoiadas em entrevistas, mas também faremos uso de material de divulgação de cursos e prestação de serviços, veiculados através de jornais especializados e da Internet.

1. Serviços Pessoais e Novas profissões

A mercantilização crescente e sem fronteiras é um movimento essencial da integração capitalista na sua Nova Era e é dentro dela que ocorre a atualização e assimilação dos serviços que marcam formas de viver e pensar de segmentos das camadas médias que haviam escapado ao assalariamento e às profissões liberais convencionais e que desenvolveram técnicas e incorporaram conhecimentos no interior de grupos culturais relativamente homogêneos. Suas atividades, consideradas alternativas àquelas reconhecidas pelo *Establishment* e aceitas como valiosas pelas pessoas comuns, começaram a sofrer um processo de comodificação crescente, sendo

demandadas e oferecidas ao mercado de forma diversificada e personalizada. Correspondem a esta nova oferta novas profissões que passam a lutar pelo reconhecimento.

O processo através do qual novas profissões surgem e se legitimam socialmente tem sido amplamente estudado (Dubar, 1992; 2000). Na Nova Era Capitalista vivemos um momento de transição no qual profissões as mais tradicionais sofrem forte processo de desvalorização social (como no caso dos médicos e dos professores), profissões e conhecimentos profissionais se desmistificam, perdendo grande parte de seu mistério e seu *glamour* (Paiva, 1997), novas profissões surgem em conexão seja com as novas tecnologias seja com a integração de tarefas que ela impõe, ao mesmo tempo que outras profissões e ocupações desaparecem por força dos mesmos processos. No espaço aberto pela contração do mercado formal de trabalho e pela ideologia do pequeno empreendimento apoiado sobre competências específicas, somado a novas necessidades sociais fortalecidas pela incerteza, pela insegurança e pela redução das fontes de ingresso e de proteção social de parcela sempre mais numerosa da população, as práticas alternativas buscam firmar o seu lugar enquanto profissões.

No momento presente, através de profissões em processo de constituição social ou legitimação, o próprio estilo de vida alternativo passa a ser vendido *prêt-à-porter*. Não deixa de constituir uma contradição o fato de que a exclusão voluntária, feita no passado (no caso do *drop out* característico dos anos 60 e 70), tenha sido responsável pela cunhagem de um estilo de vida austero, mas sofisticado, não massificado, e que esta exclusão seja hoje uma fonte de sucesso e de lucros, através de uma relativa massificação dos produtos e serviços alternativos. Isto porque na Nova Era Capitalista a estandardização global é a moldura dentro da qual produtos e serviços, embora alternativos, são gerados. Com isso quer-se deixar claro que a despadronização do consumo se dá a partir de uma satisfação das necessidades para todos que continua sendo razoavelmente padronizada. Ocorre a partir de um determinado nível de riqueza que ultrapassa as necessidades mais básicas e, por isso mesmo, a difusão do alternativo é um fenômeno vinculado fundamentalmente ao destino

das classes médias⁶. Neste caso, a estandardização do produto quanto do gosto do consumidor produz o que Albrow (1997:148) chama *efeito karaokê*, isto é, o alternativo é circunstancial e não estrutural, mas passa a constituir um pilar importante dos padrões de consumo de significativos segmentos sociais.

O estilo de vida alternativo tornou-se uma das possibilidades de consumo dos segmentos que se mantêm integrados, mas que buscam sempre mais o produto despadronizado, artesanal, personalizado, com elevado padrão de qualidade. Na medida em que mesmo a grande indústria passou a buscar atender ao gosto individual, enxugando seus estoques e permitindo a escolha pessoal de acessórios como forma de elevar os lucros, os produtos “naturalmente” despadronizados tornaram-se uma opção importante para todas as esferas em que a grande indústria não está presente. Pode-se dizer, neste caso, que eficiência também é *griffe*⁷, nela se impondo a marca da criatividade ímpar do produtor alternativo por oposição à customerização do produto industrial.

2. Percursos Formativos, Percursos trilhados e suas Estratégias.

Todas as profissões têm origem numa ocupação sistematizada cujo conhecimento teórico e prático passa a ser transmitido através de corporações específicas compostas daqueles que professam uma determinada arte. Com o surgimento das universidades, na primeira metade do segundo milênio, artes liberais e artes mecânicas começam a se dissociar, processo que os primeiros anos do novo milênio parecem superar. Contudo, mesmo entendidas separadamente, tanto as artes liberais quanto as mecânicas foram transmitidas a partir de um grupo profissional que fazia uso de um corpo de conhecimentos capaz de reproduzir, através de percursos formativos, este mesmo saber.

⁶ Vale a pena lembrar que o alternativo é capaz de misturas inesperadas e surpreendentes, mas elas raramente (nunca?) incluem elementos das religiões e das práticas afro, características das camadas populares.

⁷ Para o significado da palavra conforme usado nesta pesquisa, vide Paiva e Calheiros (2001).

Se até um passado recente e remontando ao surgimento das universidades, as profissões de maior prestígio eram aquelas que não faziam uso das mãos – excetuando-se a cirurgia e a escrita – nos dias de hoje, cérebro e mãos voltam a se integrar nas profissões. Este processo, para o qual Kern e Schumann (1984) chamaram a atenção em seu famoso livro *O fim da divisão do trabalho*, junta numa mesma ocupação atividade intelectual e abstrata e atividade física – por exemplo, no caso do intelectual que, desde os anos 80, datilografa em computador seu próprio trabalho. Esta reintegração, ocorrendo em inúmeros setores e níveis de atividade, joga por terra grande parte da hierarquização de tarefas e a primazia permanente do intelecto. As práticas alternativas, mesmo possuindo um corpo teórico que lhes serve de base, e em nome do qual defendem sua cientificidade, partem fundamentalmente das mãos para integrar o cérebro em sua atividade. Isto é especialmente válido para as terapias corporais, mas também pode ser considerado verdadeiro para a questão da alimentação e das mancias.

De forma paradoxal em relação a tendências mais amplas da NEC (como a da desmistificação das profissões) os praticantes de atividades alternativas, ao se verem confrontados mais diretamente com o mercado, começam a buscar legitimação profissional através de um processo em que percorrem os mesmos caminhos antes trilhados por outros grupos profissionais e que, para Merton (1958), teria como primeira meta a obtenção de um diploma. É como se esta etapa tivesse que ser cumprida para que, mais tarde, se possa colocar em questão os mecanismos formais de legitimação. Os nossos dados empíricos mostram que, de fato, todos querem ao menos um certificado, um papel carimbado por alguma autoridade educacional legítima ou por ela reconhecido, através do qual possam vincular-se institucionalmente e gozar de reconhecimento profissional. Em busca da formalização o informal/alternativo quer, na verdade, mais que um certificado de frequência: procura um diploma apoiado em currículos e programas legitimados por profissionais reconhecidos (por notório saber, formação em áreas afins e/ou especialização feita no exterior) emitido seja por uma escola profissional (de segundo grau, por exemplo) ou por uma escola de ensino superior. Para isso estão dispostos a adequar-se ao *Establishment* o suficiente para aceitar requisitos hierarquizados

e formação padronizada sem, contudo, alimentar a perspectiva de uma carreira no que esta tem de tradicional e hierárquico. Controle disciplinar e de recrutamento, aspectos importantes para os grupos profissionais clássicos, parecem mais flexíveis nos segmentos alternativos.

Neste processo podemos identificar não apenas diferentes percursos formativos trilhados por nossos entrevistados, como variados esforços no sentido de estabelecer formas de reconhecimento para as práticas e correspondentes conhecimentos “alternativos”.

2.1. Percursos Trilhados

Percursos formativos diversos trilhados por nossos entrevistados. Muitos deles provêm dos *drop outs* dos anos 70/60 e estes, tais como outros de origem diversa, viveram de alguma forma experiências de precarização. Claro que há diferenças marcante entre a precarização de hoje, resultado da restrição do mercado de trabalho, e a precarização resultante de uma opção alternativa. No entanto, o que parece comum é o fato de que eles respondem a ela retomando antigas práticas do âmbito doméstico, crenças, estilos de vida, *hobbies* etc, que vão assumindo – em especial nos anos 90 - a roupagem de serviços alternativos monetarizados.

Em se tratando de um estudo de um grupo de classe média urbana, observamos que os estudos dedicados ao mercado de trabalho informal - em geral dedicados à população de baixa renda - não dão conta do perfil e dos percursos trilhados por nossos entrevistados na busca de novas formas de inserção, razão porque optamos por desenvolver um esquema mais específico cujo pano de fundo são formas de precarização auto-escolhidas ou impostas pelas condições do mercado de trabalho. Esta atinge hoje inclusive pessoas de formação acadêmica superior e com pós-graduação, anteriormente inseridas no mercado primário de trabalho, em funções altamente qualificadas e bem remuneradas e que uma vez desempregadas vão recorrer a conhecimentos adquiridos na rotina doméstica e em hábitos e hobbies familiares (alimentação, costura, práticas divinatórias) para oferecer serviços ao mercado. Para levar a termo estas novas atividades, podem acrescentar conhecimentos oferecidos por cursos de curta duração. Estes conhecimentos, verdadeiras colchas de retalhos, são instrumentalizados a fim de substituir os ganhos formais ou para

complementar a renda doméstica pelo achatamento salarial. Esta inclusão marginal pode ser percebida com uma “opção alternativa” de maneira a mascarar a própria precarização, atribuindo-lhe um sinal positivo.

Diferentes perfis podem ser encontrados dentre tais precarizados, quer por exclusão do mercado primário, quer por opção por um estilo de vida alternativo.

A) Busca por um estilo de vida

A.1. ecologicamente correto

Definindo-se como “dissidentes do consumismo alucinado” este grupo é formado por aqueles que optaram por trabalhar, ganhar e consumir menos (*downshifters*), privilegiando uma vida mais simples e mais tranquila (por oposição ao mundo de “muito-trabalho-muito-dinheiro-muito-consumo”). Muitos estariam sendo pressionados pela própria família a largar seus empregos e diminuir o ritmo de trabalho mesmo que isso custe queda do padrão de vida. Na opinião destas pessoas o homem moderno tornou-se escravo de um estilo de vida que se apoia sobre a ideia de que o *status* social é aferido pelo poder aquisitivo de cada um.

É o caso de uma ex-estilista de uma grande cadeia de lojas com roupas de marca que abandona o emprego, o ambiente da moda, muda-se para um bairro considerado “alternativo” desde os tempos do movimento hippie e lá, numa casa, passa a dedicar-se à produção de artesanato, criar os filhos de modo mais presente e em busca de uma forma de viver ecologicamente correta, do ponto de vista ambiental, individual e sócio ideológico.

A.2 de revalorização da contracultura

Neste grupo as pessoas, em geral, têm formação universitária, tendo frequentado a universidade na década de 70. Pertenceram ao movimento estudantil e, quando viram se intensificar a repressão e a luta armada, optaram por “ir para roça” - ou seja, pela vida em comunidade. Seus percursos incluem uma formação acadêmica regular, tendo alguns deles chegado a praticar profissões tradicionais. Contudo, por se oporem ao sistema, elegem um estilo de vida que lhes permita a busca de valores espirituais e comunitários e que, ao mesmo tempo, satisfaça seus anseios de justiça, respeito e solidariedade. Depois de um período de vida rural, durante o qual passam a adotar a

alimentação vegetariana, a praticar a filosofia oriental e a medicina tradicional chinesa, tornam-se defensores da natureza. Hoje fazem uso de alimentos orgânicos, de roupas ecologicamente corretas, evocando nesta atitude os movimentos de contracultura dos anos 60/70 que possibilitaram a introdução na sociedade ocidental de uma concepção de tempo que privilegia o aqui e agora e uma noção cósmica de espaço; levantaram bandeiras contra o consumismo. Contudo, a reação contra o capitalismo por parte do movimento *hippie* acabou sendo favorável ao próprio sistema porque impulsionou o consumo através de uma diversificação de estilos introduzidos pela contracultura, que acabaram por se tornar eles mesmos, objetos de consumo.

Recentemente vemos que o sistema também começa a incorporar, sob a forma de “novas profissões”, práticas adquiridas na vida em comunidade e sob a forma de trabalho voluntário. A aceitação destas práticas sob a forma de serviços prestados à classe média urbana desencadeia uma busca por especializações no exterior e por criar espaços dedicados à prática e aprendizagem de terapias corporais, de *feng shui* ou o estabelecimento de restaurantes naturais e outras atividades monitorizadas.

Monetização/ profissionalização do *hobbie*: convergência da precarização e do estilo de vida

A utilização de antigos *hobbies* como atividade monitorizada é um fenômeno relativamente novo entre a classe média brasileira. Se antes esta utilização se restringia a pessoas que faziam parte do círculo de amizades, era gratuita e poderia ter um caráter transgressor (no caso, por exemplo, das práticas divinatórias), hoje ela se ampliou para atender a pessoas bem inseridas no mercado primário de trabalho. A monetização e a diversificação da clientela permitiram a muitos de seus praticantes terem o antigo *hobbie* como ocupação principal. Esta ocupação passa a ser entendida como “profissão”, o que leva seus praticantes a desencadearem uma política de institucionalização e reprodução qualificada através de cursos especializados com alguma instância de reconhecimento oficial, criando ou recriando espaços legitimados como cursos profissionalizantes ou fazendo uso daquelas

instâncias já existentes (sindicatos, faculdades) para dar legitimidade e coerência a esta nova maneira de vivenciar a contracultura.

Os que transformam hobby/estilo de vida em trabalho vivenciam um novo tipo de atividade no qual o prazer de quem o faz e daquele a quem o mesmo se destina, sugerem o fim do trabalho como fonte de virtude para algo que proporciona e vende hedonismo.

Contudo, cabe registrar uma outra realidade que se diferencia dos segmentos aqui analisados. Referimo-nos a pessoas que fazem massagens na orla marítima do Rio de Janeiro e em locais como o Aterro do Flamengo (ou seja, em áreas de lazer de bairros privilegiados de classe média carioca) e que, embora possam vir a adotar um discurso legitimador das práticas que ora exercem, fazem suas escolhas empurradas pela precarização e pela busca de complementação de renda. Trata-se de serviços orientados para uma clientela nitidamente das camadas médias - prova disso é o fato de que estes “profissionais” não montam seu espaço de atendimento nos bairros onde moram, mas procuram as áreas acima citadas. Este fenômeno não se restringe às terapias corporais, mas se estende às mancias e à alimentação, assunto de que trataremos ao longo deste artigo.

2.2 Percursos Formativos e suas estratégias de legitimação

Considerando o segundo caso, ou seja, os variados esforços no sentido de estabelecer formas de reconhecimento para as práticas e os correspondentes conhecimentos “alternativos” podemos, num esforço de categorização, identificar grupos que, em função das questões que foram se colocando para eles no processo através do qual pretendem obter legitimação, se caracterizam por:

1. Buscar integrar em cursos superiores já existentes e reconhecidos, disciplinas isoladas ou conjuntos de disciplinas (muitas vezes capazes de caracterizar uma especialização) através das quais o conhecimento alternativo se incorpora a profissões fortemente estabelecidas. É o caso das terapias corporais (na Fisioterapia, na Educação Física e mesmo na

Medicina e na Psicologia), da alimentação natural (Nutrição, Medicina, por exemplo), da acupuntura e outras práticas derivadas da Medicina Chinesa tradicional (Medicina);

2. Buscar criar cursos superiores específicos – como no caso da astrologia;
3. Buscar criar cursos específicos de segundo grau ou cursos livres de especialização pós-secundária (de terapias corporais, por exemplo)
4. Buscar estabelecer caminhos formativos formalizados, porém externos ao sistema regular de ensino, em geral ligados a centros de atendimento nas práticas em questão.

Estes caminhos muitas vezes podem ser mesclados numa composição (*patch*) que resulta em percursos trilhados singulares, os quais complementariam aqueles caminhos formativos informais, ligados à tradição e passados de pessoa a pessoa (internos aos grupos alternativos) e a toda uma gama de cursos mais curtos e de duração variável. Não se deve deixar de mencionar aqui que tais caminhos (formais e/ou informais) são trilhados pelos envolvidos através de combinações individuais que circulam desenvolvendo na busca de um conhecimento adequado às novas formas de ganhar a vida.

Daqueles segmentos estudados os menos empenhados neste processo parecem ser aqueles que – por suas próprias características – veem muito poucas chances de reconhecimento formal (seria o caso do tarô e outras mancias ou práticas vistas como demasiado marcadas pelo esoterismo) ou estão demasiado vinculados ao mercado e suas oscilações para se dedicarem a questões ligadas à formalização de seus conhecimentos.

Dentre aqueles que buscam integrar seus percursos em cursos superiores já existentes e reconhecidos, destacamos uma sócia de restaurante natural familiarizada com o movimento *slow food*, localizado em bairro de classe média alta do Rio de Janeiro. Tendo abandonado o curso de História na década de 70 para viver em comunidade urbana e depois rural, aproveita os conhecimentos domésticos para dedicar-se à alimentação natural. Posteriormente faz estágio

no exterior e em período mais recente volta à faculdade para cursar Nutrição. Atualmente faz pós-graduação em Nutrição, especializando-se em alimentação natural e torna-se professora de cursos de formação técnico-profissionalizante ligados à medicina tradicional chinesa, em espaço criado e mantido pelo seu antigo grupo de vida comunitária.

Ao contrário do exemplo acima citado, existem profissionais que, a partir de uma graduação tradicional - no caso aqui tratado, a Educação Física - se encaminham para formas alternativas, como *shiatsu*, massoterapia e acupuntura enquanto especialização. Nestes casos, os conhecimentos de anatomia e fisiologia facilitam a nova formação, pois funcionam como créditos a serem revalidados no novo curso. A maioria destes profissionais associa a prática terapêutica às atividades acadêmicas.

Outro exemplo a ser mencionado se refere a uma universidade particular do Rio de Janeiro, que expandindo seu campo de formação profissional, instituiu uma Escola Superior de Terapias Naturais, que embora funcionando num horário mais flexível, se propunha a acolher na estrutura acadêmica, práticas tradicionais até recentemente mantidas à margem do que se convencionou chamar de saber científico. Eis como o curso é apresentado no *site* da referida universidade:

“Cresce nos principais centros mundiais a utilização de terapias, geralmente não-invasivas, apoiadas em conhecimentos milenares, ainda que muitas vezes não sistematizadas e codificadas a partir dos cânones e parâmetros da ciência cartesiana, com resultados de inegável eficácia. A universidade, antes de se conformar como "centro irradiador de verdades", não pode perder o frescor de sua natureza primeira: a condição de acolher o conhecimento, de revelar a dúvida, de promover o confronto entre os saberes e daí tecer o infindável manto da verdade. Se a Universidade de Humboldt, reforçando o cientificismo seiscentista, embalado pela revolução industrial, à época em curso, confirmava a vitória dos vetores científicos, abrindo novas possibilidades aos estudos aplicacionais e tecnológicos, contribuição

esta de inegável positividade, em contraponto certamente não engendrado, estabelece uma relação de exclusão com parte do mundo do conhecimento, vitimando, a partir de um mesquinho preconceito, outras formas de dizer e entender a natureza que não aquela ajustada aos modelos e teorias científicas. Outra carga pós-humboldtiana assumida pelas universidades, a da formação da mão-de-obra, veio a requerer uma revisão institucional profunda, visto que, secularmente, esta função, tida como menor, não cabia à academia. Ainda hoje, dificuldades surgem no mundo acadêmico mais atrasado e tradicional em compatibilizar a formação profissional com a missão de desenvolver e lustrar o pensamento crítico e investigativo. É dentro da expectativa da formação profissional que novos campos não sistematizados do conhecimento podem usufruir da experiência universitária em alicerçá-los com práticas consagradas, complementares àquelas que estes propõem”.

Todo o texto tem como objetivo defender os “novos campos” como legítimos setores de formação acadêmica a partir de um discurso que defende a ciência, a universidade, a verdade, assumindo uma forma erudita de argumentação. Apesar de tal esforço, onde a estratégia de formação superior parece ter mais êxito é no caso de instituições de ensino superior que estabelecem convênio com espaços onde alguns cursos já vinham sendo oferecidos, tomam para si os encargos de divulgação do curso, matrícula e pagamento (precarizado) do corpo docente sob a forma de “horista”, recebem as mensalidades das quais cedem apenas um percentual aos espaços preexistentes que sobrevivem. Por outro lado, lhes empresta sua *griffe* através da concessão de certificados. Trata-se, quase sempre, de cursos de extensão ou módulos de um curso de pós-graduação.

No que se refere à criação de novos cursos superiores específicos, o caso mais emblemático se refere à formação do astrólogo. Destacamos o caso da arquiteta que originalmente praticava a astrologia como um *hobbie* e que ao se afastar (aposentando-se) por contingências de retração do mercado, do

escritório onde trabalhava, transforma a astrologia na sua principal atividade monetarizada. Além de consultas a pessoas e a empresas (apresenta-se como especialista em astrologia empresarial) propõe-se a formalizar seus conhecimentos bem como a própria atividade e transmiti-los através de cursos institucionalizados reconhecidos em algumas instâncias burocráticas e com pretensão a se constituir numa “profissão” com registro no Catálogo Brasileiro de Ocupações. O espaço onde leciona tem a estrutura de uma graduação, inclusive no que se refere à carga horária, com currículo dividido em disciplinas obrigatórias e optativas, periodização em cinco etapas, divididas em iniciantes, médio e avançado, ciclo básico e especializações – como, por exemplo, o curso de astrologia empresarial, com a duração de 12 meses com cerca de 120 horas no total. Dispõe de um corpo docente especializado, métodos de avaliação e confere certificado reconhecido pelo Sindicato dos Astrólogos do Rio de Janeiro (SINARJ). Inicialmente o curso atraía clientela em busca de auto ajuda; hoje, porém, se caracteriza como centro profissionalizante, cuja clientela busca principalmente o curso noturno.

Quanto àqueles que buscam criar cursos específicos, nosso exemplo recai sobre um grupo de especialistas que na década de 70 viveu em comunidade rural dedicada à contracultura e que acabou por voltar ao Rio de Janeiro e criar, na década de 80, um espaço que se ocupa da prática e do ensino de terapias corporais dentro de um espírito holístico, desenvolvendo um trabalho que qualificam como ético. Este grupo pretende divulgar os princípios da medicina tradicional chinesa através de atendimento personalizado e ambulatorial, bem como da formação de profissionais. Oferece cursos de *shiatsu* e acupuntura e de formação de agentes de saúde em terapias alternativas, este último funcionando na região serrana do Rio de Janeiro. Este grupo, em suas palavras, se propõe a “executar e coordenar ações de saúde, sobretudo em benefício da população menos favorecida, além de formar novos terapeutas em práticas holísticas que têm a medicina tradicional chinesa como sua matriz”. Ao se apresentarem aos novos alunos e à comunidade em geral, assim se identificam: “nos idos da década de 80, fruto do movimento *hippie* da contracultura, da busca de novos valores e da paz interior, um grupo de idealistas, mergulha na filosofia oriental, buscando o resgate do ser humano

íntegro, inteiro e verdadeiro, em perfeita sintonia com seu meio físico e espiritual, interno e externo.”

Atualmente os cursos funcionam mantendo convênio com a Prefeitura do Rio de Janeiro, através da Secretaria Municipal de Saúde, tendo autorização e reconhecimento como técnicos e profissionalizantes.

No que diz respeito aos que preferem uma formação não institucionalizada, podemos citar o exemplo de uma praticante e professora de *feng shui*, aposentada compulsoriamente de cargo público bem remunerado, que descobre sua nova atividade a partir de uma busca pessoal de um estilo de vida ecologicamente correto. Chega ao *feng shui* através de leituras, trabalho em grupo e cursos sem vínculo institucional e sem relação com sua formação acadêmica anterior (museologia). Declara mesmo que prefere exercer suas atividades de forma alternativa, a fim de não pagar mais impostos do que aqueles vinculados a seus proventos. Muito bem sucedida atua nas camadas mais bem remuneradas dos segmentos médios urbanos, oferece cursos no Brasil e no exterior e é co-autora de livro publicado em Inglês, Português e Espanhol, prestando assessoria a um especialista de renome internacional. Neste caso incluem-se também aqueles que procuram cursos rápidos, de fim de semana ou de férias, em geral mais acessíveis. A imprensa especializada na divulgação destes serviços anuncia cursos como “mestrado em *reiki*”⁸, num tipo de propaganda que conduz a equívocos – porque não se trata de um título acadêmico, mas da formação de um “mestre” naquela prática, apto a ser seguido por discípulos.

3. Percursos trilhados: estratégias individuais

Se alguns de nossos entrevistados fizeram originalmente a trajetória do “*drop out*” do Sistema com posterior mercantilização de suas atividades, entre aqueles que estão ingressando no mercado de trabalho, ou o fizeram recentemente, vamos identificar outra estratégia. Embora sem dissociar as diversas práticas alternativas de um estilo de vida, de uma certa espiritualidade, da busca de um equilíbrio interior etc, percebem nestas várias

⁸ Apesar do apelo acadêmico, o termo mestrado neste contexto se refere a um dos níveis de formação do reiki.

atividades uma possibilidade de ampliação da profissão formal original. Podem também usar algumas destas profissões já reconhecidas e legitimadas por um diploma acadêmico como um guarda-chuva capaz de abrigar práticas as mais diversas para as quais - apesar do mercado crescente - ainda não há uma carreira, um diploma, uma profissão reconhecida. A Educação Física e a Fisioterapia costumam dar respaldo a essas estratégias. As terapias alternativas entram neste contexto sob a rubrica de uma especialização, de um enriquecimento curricular. Mas, pode ocorrer o contrário. Depois de um longo período de exercício de uma atividade, prática que pode ter se originado de um *hobbie* ou de uma opção de estilo de vida, o praticante pode buscar no diploma (de uma área afim) a legitimidade profissional de que necessita. Donos de restaurantes de alimentação natural podem encontrar no curso de Nutrição oferecido pelas universidades, o reconhecimento de sua qualificação. Uma proprietária de restaurante natural, egressa do movimento *hippie* dos anos 70 e que estuda e pratica a alimentação natural desde aquela época, é atualmente formada em Nutrição e faz pós-graduação na área, ao mesmo tempo em que leciona dietética oriental em cursos universitários e de nível técnico. Há também casos como o de uma professora de Educação Física e Fisioterapia, que se profissionaliza como terapeuta em acupuntura e *shiatsu* e nestas áreas exerce o magistério em cursos particulares reconhecidos como técnicos pelas Secretarias de Educação e Saúde do município do Rio de Janeiro. Estes casos podem ser considerados como estratégias individuais para legitimar as atividades profissionais através de diplomas obtidos em áreas afins, mas legitimamente reconhecidas.

4. Percursos formativos: estratégias institucionais

Observa-se forte preocupação por legitimar atividades profissionais alternativas através de organizações coletivas como sindicatos, associações profissionais e instituições de caráter educacional. Neste sentido, o primeiro passo parece ser conseguir a inserção da prática no Catálogo Brasileiro de Ocupações (CBO). No que se refere à astrologia, as instâncias de legitimação se concretizam a partir da criação de um sindicato com sede em várias capitais do Brasil. Uma das bandeiras de luta dos astrólogos é que o registro no CBO

não venha sob a rubrica de práticas esotéricas. Segundo uma astróloga entrevistada, proprietária de um curso, desde 1970 os praticantes da astrologia vem se mobilizando pela inclusão desta atividade no referido catálogo. Gostariam que a mesma fosse enquadrada entre as profissões técnicas e científicas como uma “família” isolada.⁹ A partir de 1997, com o aumento do número de praticantes, fortalece-se também a luta pela regulamentação da prática através de cursos de longa duração com currículo estruturado e por impedir o uso do título de astrólogo por aqueles que recebem apenas uma formação rápida.

Entre os acupunturistas e terapeutas corporais o movimento pela profissionalização ultrapassa a procura individual por diplomas em Fisioterapia e Educação Física. Este movimento se unifica num denominador comum que para eles seria a Medicina Tradicional Chinesa. O reconhecimento do complexo médico e terapêutico chinês como sistema alternativo à Medicina Ocidental convencional seria o mote para o reconhecimento destas atividades enquanto profissões.

A questão da regulamentação está sendo discutida no Congresso Nacional caracterizando uma disputa pela reserva de mercado que vai desde a posição da Sociedade Médica Brasileira de Acupuntura, que defende que a prática seja exercida apenas por médicos, dentistas e veterinários, passando pelos Conselhos destas diferentes profissões até a defesa da acupuntura como uma profissão específica a ser exercida por aqueles que para isto foram treinados dentro da Medicina Tradicional Chinesa, vez que a mesma constitui-se numa *“terapia energética, cujos padrões de referência nada possuem em comum com os ocidentais. Esta Medicina possui um modo de avaliação que lhe é próprio, é inteiramente distinto dos exames laboratoriais ou outros métodos utilizados no ocidente.”* (Jornal de Acupuntura).

A disputa já traz desdobramentos para alunos e profissionais dos cursos existentes. Por exemplo, um curso de terapias naturais em nível superior oferecido por uma universidade particular do Rio de Janeiro, depois de

⁹ *“Eu digo sempre, é ciência no sentido do saber, conhecimento de 6000 anos. Pode não ter o raciocínio racionalista de causa e efeito, mas tem bases científicas enquanto sabedoria e conhecimento.”* (Z., 55 anos, arquiteta e astróloga)

funcionar durante um período letivo, não obteve licença do Ministério da Educação para continuar sendo ministrado e foi fechado. Os alunos, além das tradicionais assembleias que “sabem” aos anos 60 e 70, recorreram também à Defesa do Consumidor, atitude pouco provável nas décadas anteriores, reivindicando que a universidade lhes devolva as mensalidades pagas. A universidade é vista como uma prestadora de serviços a serem comprados como mercadorias por alunos/cidadãos consumidores, ou seja, a forma de fazer valer os direitos da cidadania se confunde com os direitos do consumidor.

Trata-se , pois, de um processo que vai do *drop out* à profissionalização – o caminho que leva diversos serviços originários de crenças, *hobbies* e estilos de vida, à busca da inserção através de percursos acadêmicos tradicionais. Novas profissões – vinho novo querendo se apresentar dentro de garrafas velhas, as estruturas institucionais legitimadas. Vinho velho, ou seja, tradicionais saberes, se apresentam em garrafa nova, os serviços.

Completa este quadro a adoção por parte de algumas instituições tradicionais (faculdades) da terceirização nestas áreas a instituições onde estas atividades vinham sendo praticadas. Terceirizam diploma, sua *griffe*, e com isto o risco continua por conta daqueles que já o corriam, ao lidar com áreas profissionalizantes não legalizadas ou em processo de legalização. Dejour (1998:41), embora não esteja se referindo especificamente às práticas ditas alternativas, assinala nos dias atuais a existência do que chama de “novas atividades” que deverão “ ser inscritas sob a rubrica *trabalho*”. Nosso caso vai mais longe - trata-se de novas ocupações que desejam ser inscritas sob a rubrica profissão.

5. Diversificação, institucionalização e *Agitprop* como instrumentos de atualização do alternativo.

Esta pesquisa nos levou a tomar conhecimento de uma imprensa que se encontra em franca expansão e aceitação nos segmentos médios da Zona Sul do Rio de Janeiro: os jornais que convenciamos chamar *alternativos*¹⁰,

¹⁰ Alternativo no caso, não significa um jornal tipo “pasquim”.

dando um significado mais restrito ao termo. São jornais de distribuição gratuita em diferentes bairros que propagam os serviços alternativos.

Neles, os herdeiros da contracultura apresentam um discurso ecológico de sacração da natureza e de encontro cósmico do sujeito com sua essência. É possível ao indivíduo, afirmam, liberar-se dos aspectos indesejáveis da modernidade mesmo vivendo na corrente do mundo capitalista. Ou seja, pode-se buscar o progresso material ao mesmo tempo que o crescimento do *self*¹¹. Transformar o significado da busca pelo dinheiro ou sucesso nos negócios pode liberar o *self*, tornando-o capaz de obter resultados positivos do ponto de vista financeiro, na carreira, no *status*, na saúde, nas emoções, na espiritualidade. *Use o poder de sua mente para aumentar suas vendas*, diz José Silva, fundador do Método Silva de Controle da Mente. Seria possível, simultaneamente, buscar o deus interior e gozar dos benefícios da prosperidade. (Heelas, 1996: 30-33).

Serviços são prestados não apenas a pessoas, mas também – e crescentemente – a empresas. Ou seja, o “público externo” não é necessariamente composto por indivíduos, mas abrange também instituições. As empresas, além de poderem mandar fazer seu mapa astrológico podem seguir toda uma estratégia de ingresso na *New Age* com sucesso e “voltada para o futuro”, participando da “revolução aquariana” prenunciada nos anos 60.

Neste processo, a ideologia *New Age* termina por tornar-se funcional à NEC e por integrar a “*mainstream*” da sociedade contemporânea. O que originalmente aparecia como a exaltação da liberdade individual se desdobra numa política de auto-emprego e de apoio às empresas que acaba por se sobrepor às instituições tradicionalmente acionadas na articulação de demandas sociais. É a reinterpretação da espiritualização centrada na perfeição interior através de serviços oferecidos para treinamento de recursos humanos nas grandes empresas capitalistas (Amaral, 1996:57) e outras práticas e formas de consumo dos segmentos inseridos no mercado primário de trabalho.

¹¹ Aqui tomado no sentido usado por Lowen e Reich.

Em artigo intitulado *A Empresa do Novo Milênio* escrito por Maurício Bernis¹² e publicado na versão virtual do periódico *Universus, o Jornal do Amanhã*, em fevereiro de 2000, encontramos a seguinte análise do advento do ano 2000 e da postura que os empresários/empresas devem adotar para se manterem produtivos e atualizados.

“... dois grandes eventos merecem nossa atenção, a conjunção de Urano com Plutão (1965-66) que marcou a década de 60, indicou o avanço tecnológico, como nunca havia acontecido, a informática passou desde então a ser cada vez mais uma ferramenta imprescindível à administração dos negócios e empresas. Porém, mais do que o avanço tecnológico, houve uma verdadeira alteração nos valores sociais, no sentido de maior liberdade. Aliada a esta conjunção ocorria um sextil de Netuno com Plutão, deflagrando a necessidade do desenvolvimento de uma mentalidade ecológica e naturalista. Assim aconteceu e de maneira irreversível. Em 1992/93 outra grande conjunção merece destaque, Urano com Netuno, alterando profundamente as relações do capital com o trabalho, notadamente através da efetivação dos Mercados Comuns.

(Urano – mercado, Netuno – comum) e da não menos importante “Internet”. Após isto, Plutão ingressou em Sagitário, Urano e Netuno em Aquário e configurou-se definitivamente a Globalização.

A empresa do novo milênio terá de se inserir neste contexto, que tem como base o novo tripé globalização, ou seja, queda de fronteiras; Internet, ou seja, uma nova forma de comercialização que não depende de fatores necessariamente geográficos e ecologia, no sentido da integração do homem com a natureza...

Esta empresa com “E” maiúsculo, está alinhada com uma nova percepção de valores, onde está presente, como pedra fundamental a

¹² Maurício Bernis é astrólogo e consultor de empresas especializado em estratégia empresarial e marketing, fundador da *Planum Consultoria Empresarial*, empresa de consultoria astrológica empresarial.

satisfação das necessidades internas do indivíduo. Deste modo, estará cooperando para uma nova ordem econômica mundial, buscando enriquecer os patrimônios reais da vida em serviços inestimáveis à coletividade...”

Em síntese, pode-se dizer que a ideologia sobre a qual se assenta a NEC penetra o segmento do discurso alternativo que busca atender a necessidades deste novo capitalismo. No que concerne a atividades concretas por parte dos profissionais de áreas alternativas são oferecidos serviços os mais diversos a firmas e empresas de variado porte. Mapas astrais das empresas são elaborados com previsões e conselhos, do mesmo modo que é possível jogar o tarô tendo como objeto não uma pessoa mas uma empresa. É possível, em ambos os casos, realizar de forma combinada mapas astrais (ou cartas de tarô) com os dados das pessoas que trabalham numa empresa e os dados da própria empresa. Complicados cálculos são realizados em cada movimento das paredes dos locais de trabalho para determinar a posição dos móveis e das divisórias, a cor das paredes e dos móveis, por exemplo, pelo *feng-shui*. Terapias corporais como o *shiatsu* são integrados no programa de exercícios físicos de firmas que têm como objetivo combater o *stress* entre seus funcionários.

A amplitude deste novo conjunto oferta-demanda de serviços alternativos, porém, nos indica que vêm ocorrendo um novo surto de atualização do alternativo que passou a integrar empresas, seus funcionários, seus dirigentes, seu espaço, suas estratégias mercantis e de produção. Mais uma vez deve-se ressaltar que não se trata de fenômeno novo: dirigentes políticos de todas as épocas consultaram (de forma privada, oculta) oráculos, videntes, mães de santo, o mesmo podendo ser dito de empresários e outros profissionais submetidos a incertezas e doses elevadas de insegurança. O que há de novo é a amplitude do fenômeno, a integração crescente de serviços alternativos que ganharam fôlego no Ocidente especialmente a partir do caráter público do movimento *New Age*.

6. Enfraquecimento da racionalidade moderna, das disciplinas sociais e fortalecimento do alternativo: felizes coincidências.

A crise teórica e epistemológica que atingiu as ciências humanas nas últimas décadas não é apenas resultado da inoperância dos paradigmas clássicos de interpretação da totalidade. Ela antecipa mudanças de maior monta que hoje vemos com mais clareza e leva a colocar seus supostos em questão na mesma década em que a efervescência ideológica e política trouxe a público a luta contra o autoritarismo e o conservadorismo (anos 60). Ao mesmo tempo, é ela que permite a ação no sentido de buscar legitimidade formal para as práticas alternativas.

A perda de importância das instâncias sociais intermediárias (entre o local e o planetário) ocorre pela incapacidade de apresentar soluções teóricas abrangentes e porque as instituições sociais já não dariam suficiente suporte aos indivíduos em sua luta por minimizar os riscos. Os paradigmas de interpretação entram em crise frente às dimensões e à velocidade crescente da mudança. O mesmo estaria acontecendo com a psicanálise e todas as terapias psicológicas – que constituem o eixo através do qual, ao menos no Brasil, inicia-se uma busca por alternativas que desemboca em diversas orientações entre as quais a *New Age*.

O mundo contemporâneo, pelas suas próprias características (provisoriedade, caráter efêmero, etc), fortalece esta busca na medida em que põe em questão uma das marcas mais importantes do século XX: a da construção de perspectivas voltadas para o futuro em detrimento da vida presente (na religião: o paraíso; na psicanálise: o conhecimento das motivações profundas do comportamento; na vida profissional: a formação para uma carreira ascendente). Há uma mudança na percepção do tempo em decorrência da própria velocidade. Encurta-se a distância entre o que produz e o produzido; entre fatores e consequências, permitindo ver melhor que e como o presente foi forjado no passado. Neste sentido, o futuro é hoje. Se não há futuro, mas presentes sucessivos, é preciso viver bem hoje, sentir-se bem, aproveitar a vida, ser feliz – o que conduz a uma posição que coincide com a perspectiva oriental de viver cada dia de uma vez e integralmente. Esta postura vai exigir uma ressignificação da noção de espaço e tempo, uma nova racionalidade. Serviços disponíveis como o já referido mapa astral das empresas e o uso do *feng shui* como parte dos projetos arquitetônicos,

completam esse quadro. É o casamento do empreendedorismo com uma atitude *zen*.

Vive-se cada vez mais a simultaneidade – possibilitada pela velocidade dos meios de comunicação, pela sofisticação tecnológica, pela mobilidade espacial e torna-se premente separar para poder viver, mesmo que de forma veloz. Vive-se num tempo no qual não há espaço para remoer o passado, para as grandes teorias/filosofias, nem para trabalhos de fôlego. O tempo ficou mais curto e se intensificou. A maneira de escapar à simultaneidade é fragmentar as vivências, os pensamentos, as terapias. Foram se perdendo valores como autenticidade, fidelidade - o que é compatível com a importância adquirida pelo espetáculo e conseqüente desvalorização dos conteúdos, da reflexão, do longo prazo. A tais fenômenos a racionalidade moderna e as disciplinas sociais não oferecem resposta.

Por isso, encontramos hoje pensadores ocidentais buscando saídas e integrando o estudo de temas e questões antes relegados a áreas de especialização estrita. Bons exemplos desta nova tendência são estudos sobre o confucionismo ou o estilo de vida dos ciganos (Offe/Kocka, 2000) em meio a discussões sobre o desmonte dos Estados de Bem Estar. Esta integração soa como subjacente proposta ou sugestão, indicando uma espécie de feliz convergência em que, tanto o alternativo quanto o *Establishment*, poderiam sair ganhando. Em outros casos, o *laissez-faire* liberal faz a sua reaparição enquanto *laissez innover*¹³ - mote que na *New Age* significa hedonismo, prazer advindo da recuperação pelo indivíduo de seu *self*, mas que no capitalismo contemporâneo liga-se diretamente à ideia de auto-emprego, de identificação de caminhos novos e recém-descobertos. Também a ideia de que hoje é possível trabalhar com prazer casa bem com a proposta da *New Age*. Além disso, na NEC os homens tendem a ver-se como menos submetidos a determinações de caráter social ou econômico, deixando-se reger (ou identificando a regência) pelo princípio da sincronicidade¹⁴, segundo

¹³ Expressão cunhada por John McDermott, numa atualização do “laissez-faire” liberal. Essa nova expressão designaria a fé no progresso tecnológico com uma força de lei “moral, mítica, quase religiosa” nas palavras de Aronowitz e DiFazio (1994:60).

¹⁴ Princípio de causalidade segundo o qual os acontecimentos com significado similar se justificam a partir da coincidência e não da seqüencialidade, ou seja, é um processo

o qual nada ocorre por acaso e – portanto – tudo se justifica. A ideia de que uma nova visão de mundo, holística e ecológica, estaria avançando, de forma ainda pouco clara, como alternativa aos paradigmas sociológico e psicológico, serve como pano de fundo a ideias que não se articularam o suficiente para se apresentar como alternativa àquelas disciplinas sociais.

7. Campos Profissionais da Nova Era

Aos recortes empíricos escolhidos correspondem profissionais que se multiplicam na Nova Era Capitalista. Cada um dos assuntos tratados se apoia em conjuntos de ideias e de práticas que podem ou não apresentar uma “aura místico-esotérica”¹⁵, que alia uma proposta de vida a um caráter mercadológico, e que trataremos a seguir.

7.1 O Alternativo e as Terapias Corporais

Denominamos “terapias alternativas” os sistemas de cura não convencionais inspirados em tradições orientais e ocidentais de caráter espiritualista ou laico; a eles se somam sistemas de base bioquímica ou psicológica que reivindicam cientificidade a partir de parâmetros diferentes daqueles adotados pelos sistemas de cura clássicos ou orgânicos dominantes no campo médico ocidental. Incluem-se nesse caso todas as práticas ligadas à Medicina Tradicional Chinesa, acupuntura, massagens energéticas (shiatsu, do-in), florais e reiki. Visam aliviar bloqueios emocionais, objetivam apoiar a cura orgânica pela regulação do campo energético, tendo como meta a integração corpo-mente.

sistêmico e não linear de forças elétricas e não magnéticas que exercem um poder de atração ou repulsão. Estas forças existem tanto a nível cósmico quanto individual. “Jung fala de sincronicidade: não há acidentes na natureza; ela segue leis estritas”. (Paglia, 1993: 160)

¹⁵ Estamos chamando de “esoterismo” o conjunto de crenças e práticas de aspecto mágico-religioso, ligados a tradição oriental e que fazem parte do imaginário ocidental urbano em nossos dias. A este fenômeno Magnani (2000: 42) denomina “neo-esoterismo”: “não constitui um sistema ou credo de fronteiras nítidas a que se possa converter (...) não é propriamente a fidelidade que caracteriza a adesão aos valores e normas deste ou aquele espaço que integra o circuito. (Incorporam-se) seus itens, não necessariamente todos (...) num gradiente que pode ir desde o tênue verniz do modismo passageiro até comprometimentos mais duradouros.” Tem como marco de “entrada” no ocidente os movimentos da contracultura aliada ao enfraquecimento da racionalidade científica.

Sua rápida emergência se deve à busca de respostas que deem conta de problemas de ordem física, psicológica e espiritual, numa abordagem holística que parece atender de modo mais satisfatório as aspirações das camadas médias urbanas no final do século XX e no novo milênio, razão pela qual aliam práticas reservadas ao campo *psi*, no que se refere a somaterapia, a psicologia analítica, a psicologia reichiana e outras surgidas da dissidência com a psicanálise particularmente Jung e Reich na expansão de abordagens alternativas, a uma preocupação com o bem estar corporal.

Dentro do próprio campo da medicina ocidental cartesiana verifica-se um movimento importante da medicina psicossomática, que tenta fazer a articulação entre as causas físicas e emocionais de certas doenças. Este movimento, partindo do campo oficial, vai ao encontro da medicina alternativa (Martins, 1999: 80-82).

Além de ampliar os horizontes da medicina científica, as terapias corporais também estimulam uma importante mudança na concepção de saúde, dominante na sociedade contemporânea que estabelece uma relação direta entre saúde e doença. O imaginário ocidental é ampliado pela noção de saúde enquanto prazer de viver e bem estar integral.

Estimulado pela contracultura este movimento questiona crenças culturais da tradição judaico-cristã acenando para uma visão integrativa e transcendental do indivíduo com sua própria natureza humana. Ao liberar os indivíduos das culpas e medos que o atormentavam e aprisionavam, libertam o corpo físico de uma vigilância radical exercida pelas instituições disciplinares. Liberto, o corpo físico aparece como símbolo, veículo e lugar de uma nova ordem cultural e social¹⁶.

Esta expansão do tema saúde resulta na integração do corpo físico com o corpo afetivo-emocional. Esta aliança pode ser “ritualizada” fazendo uso de uma *mise-en-scène* esotérica.

¹⁶ O eixo do corpo seria deslocado para uma pluralidade de centros (chakras) que desarticulariam o cérebro como foco de atenção e atuariam como mentores da atividade corporal e mental (Carozzi, 2000:89)

As mudanças na percepção do corpo têm repercussões diretas no conjunto de práticas ditas de saúde. Antes, a imagem do corpo era a de um instrumento de trabalho – o corpo dos indivíduos do sexo masculino servia para a reprodução do capital e o do sexo feminino para reprodução da família.(...) os cuidados médicos voltavam-se para extinguir a doença. Agora, porém, desenvolvem-se outras concepções e tecnologias que visam responder aos novos desafios. De outro lado, todavia, surge uma reação cultural buscando emancipar o corpo (através) das experiências esotéricas. Este saber esotérico (...) perde seu caráter hermético, sendo assimilado com certa naturalidade pela atual cultura de massa. Assim, incensos, cristais, pirâmides e obras diversas de auto-ajuda ou esotéricas aparecem como moeda corrente para uma nova cidadania de consumidores, aberta ao risco das inovações e incertezas culturais (Martins, 1999: 85-86) (grifo nosso).

Neste sentido, a experiência das terapias corporais não pode ser reduzida nem a uma mera estratégia oportunista de mercado, nem a um surto místico que atingiria subitamente as classes médias, mas a uma perfeita associação entre aquilo que estamos denominando New Age e sua face mercantil inserida na Nova Era do Capitalismo, preconizando o surgimento de novas profissões calcadas na prestação de serviços característica do trabalho na sociedade pós-industrial.

Nesta nova atividade, conhecimentos disponíveis anteriormente são acionados e existe a pretensão de uma ação de natureza curativa, de ajuda às pessoas. Os grupos alternativos afirmam que os psicólogos constituem o grupo profissional que mais se voltou para estas práticas e que sua participação no mercado cresce a cada ano. Isto seria decorrência, em parte, da posição de desvantagem do psicólogo frente ao médico e ao psicanalista. No meio alternativo, ao contrário, ele entra com mais *status* e seu título superior confere legitimidade às atividades e ao grupo ao qual se liga. Mas conhecimentos de outra natureza são igualmente bem vindos, como no caso da Música, da Educação Física etc.

No seu conjunto pode-se falar da busca de uma ecologia pessoal por parte de quem exerce a atividade e também por parte de quem busca os serviços, ou seja, há uma mútua procura por combater o *stress*, pela saúde perfeita, por “fazer o que gosta” de maneira calma, relaxada, intuitiva, “trocando energias positivas”, enfim, cuidando do bem estar físico e psíquico. O resultado deste trabalho seria positivo não apenas no âmbito alternativo, mas também nos aspectos convencionais da vida.

Finalmente, vale ressaltar que – ao contrário do que ocorre entre profissionais com carreiras fortemente estruturadas e hierarquizadas - na área em que atuam os terapeutas corporais não há, em geral, qualquer “ortodoxia”. Todas as técnicas podem e terminam sendo misturadas num patchwork-síntese pessoal do terapeuta.

A física moderna de Prigogine e Bohn, a epistemologia científica de Bachelard, a psicanálise pós Freud e os estudos sociológicos de Edgard Morin, nos quais se expressa a crise do paradigma científico cartesiano que valoriza o conhecimento especializado em detrimento de algo complexo, sistêmico e integrado, abriram caminho para influências orientais de tradição indiana e chinesa. As terapias corporais evoluem na confluência das tradições ocidentais e orientais mesclando o pensamento laico com o místico, o clássico com o esotérico.

7.2 O alternativo divinatório e as mândias

Uma mândia é uma arte divinatória (como o *I-Ching*, por exemplo). Inclui, entre outros, a quiromancia e as cartomancias (como o tarô) que tomam, respectivamente, as mãos ou as cartas como fenômenos a serem interpretados segundo suas técnicas específicas. O tipo de respostas que os “oráculos”¹⁷ irão dar e a sua aplicação estão intimamente relacionados à natureza do fenômeno que tomam como referência.

¹⁷ Aqui no sentido de resposta e orientação dadas a uma consulta feita.

A diferença entre as mândias é tênue. Todas elas partem do princípio de que existe uma

“tradição que é considerada fonte e depositária de determinado tipo de conhecimentos a respeito da natureza, destino e lugar do homem na ordem mais geral do universo, produzidos ao longo do tempo, nas diferentes sociedades. Disseminados e não raro dissimulados num amplo corpo de doutrinas secretas, mitos, fórmulas herméticas e saberes empíricos, tais conhecimentos formariam uma corrente perene e ininterrupta – ainda que descontínua e às vezes subterrânea ao plano da manifestação – suscitada por questões comuns a toda a humanidade e ancorada em capacidades cognitivas desenvolvidas por grupos e personagens especiais, presentes em todas as culturas.” (Magnani, 1994:82)

Entre as mândias foram escolhidas sub-amostras nas áreas da astrologia e do tarô.¹⁸

7.2.1. Astrologia e Tarô como artes divinatórias: terapia e aconselhamento

Embora as práticas alternativas reivindiquem uma oposição à ciência positiva, a astrologia como um sistema de conhecimento considera-se superior a outras mândias porque está apoiada sobre uma metodologia que busca respaldo na matemática e pode (e deve, segundo os astrólogos) ser considerada científica segundo os padrões da racionalidade ocidental – o que demonstra a fragilidade daquela oposição e a busca de legitimação nestes padrões. Esta reivindicação de cientificidade não é prerrogativa apenas da astrologia, mas esta seria considerada mais científica, não só por dispor de um quadro interpretativo que permitiria constatar a regularidade dos fenômenos astrológicos, mas também por se caracterizar pela possibilidade de conter objetividade, por usar técnicas que lhe conformariam um método e por

¹⁸ Cabe lembrar a tendência observada na literatura atual de estudar grupos étnicos que mantiveram práticas como as mândias entre os ciganos, na busca de soluções integradoras que possam servir de exemplo para as populações supranumerárias do capitalismo contemporâneo (Kocka/Offe, 2000).

apresentar um corpo de conhecimento sistêmico.

Entretanto, como alertam Aronowitz e Difazio (1994:176), este tipo de conhecimento, mesmo quando ingressa no processo laboral e quando consegue reunir muitos adeptos não é considerado legítimo pelos detentores do poder, sobretudo tecnológico, e tendem a fazer parte “*de nossa vida marginal do reino do que nos é particular e onde esperanças e sonhos bem como os medos florescem*”. No entanto, como já foi dito, há forte pressão por institucionalizar, por profissionalizar e regulamentar a profissão na área da astrologia.

O conjunto das mândias e terapias alternativas lança mão, com intensidade variável, de aspectos da moderna ciência para reivindicar a revisão de seu estatuto através da teoria do caos, da física quântica, da noção de indeterminação, de aleatoriedade, de irregularidades - ou seja, de todos aqueles conceitos e teorias que, surgidas especialmente na física, supõem o questionamento da tradição cartesiana – na reivindicação de ser parte integrante do conhecimento e da verdade socialmente reconhecidos. Com isso buscam afastar-se e distinguir-se da bruxaria, da mistificação e serem aceitas como uma possibilidade de conhecimento entre outras na área da saúde física e mental e do bem estar social e pessoal. Mostram uma forte conexão com a ecologia social e pessoal: alimentação natural, vida interior, beneficiando ainda as atividades voltadas para fora de si mesmo e, portanto, a vida social.

Já o tarô é um jogo individual, com regras e interpretações individuais, e seja qual for o caminho seguido por quem o aplica - a da psicologia profunda, da Kabala, da numerologia mística ou da cartomancia - há uma certa uniformidade de interpretação, devido a permanência do seu simbolismo e de sua tradição.

Ao contrário da astrologia, não há entre os tarólogos, até o presente momento, um movimento organizado com a finalidade de institucionalizar a “profissão”. O que existe são tarólogos notáveis e uma grande massa de anônimos. Os cursos oferecidos são de curta duração, ou cursos de caráter privado oferecidos no espaço doméstico, onde se cultiva o tarô como uma terapia. Uns e outros não se preocupam em fornecer certificados com qualquer instância de reconhecimento formal.

O tarô e a astrologia podem, no entanto, ser compreendidas no mesmo campo, isto é, ambas se apresentam como instrumento de diagnóstico e de acesso ao conhecimento interior. Pretendem participar da definição que encontramos em Magnani, como

“um conjunto de práticas, com atendimento pessoal ou coletivo, voltadas para o diagnóstico, a cura e a prevenção de distúrbios e para o desenvolvimento de potencialidades nos planos corporal, psíquico e espiritual. Essas terapias apresentam-se portadoras de alguns atributos que servem de contraposições às convencionais – aquelas desenvolvidas por especialistas médicos cujo aprendizado e exercício estão sujeitos a normas contidas em textos e mecanismos legal e institucionalmente constituídos”.(Magnani, 1999:46).

47.2.2 Astrólogos como profissionais da Nova Era:

“Cada vez mais pessoas trabalham em suas casas, aproveitando uma tendência crescente da era moderna, que é desfrutar o conforto do lar para desenvolver as atividades profissionais: trata-se do conceito do escritório em casa. E é nesse sentido que gostaríamos de falar sobre o potencial da Astrologia.

Um astrólogo pode trabalhar em casa ou no consultório, dando consultas especializadas, nos horários que achar mais conveniente. Uma atividade ideal para quem deseja trabalhar full time, mas com liberdade e desfrutando de boas possibilidades no mercado, já que hoje existem vários astrólogos profissionais bem sucedidos profissionalmente, inclusive em especialidades variadas dentro da Astrologia, como os que trabalham para empresas, com orientação vocacional, para políticos, artistas etc. tornando-se um astrólogo profissional, além da satisfação de orientar seus clientes para lidar melhor com a vida e com o seu momento, você estará adotando uma

profissão que é – antes de tudo – um caminho para o autoconhecimento.

E se o seu caso não é profissionalizar-se, a Astrologia pode também lhe proporcionar um mergulho na sua vida e na das pessoas que lhe são próximas, levando-o a compreender melhor o mundo que lhe cerca. A consequência é que ao invés de lutar contra as circunstâncias, você passa a colaborar com o “script” que lhe foi escrito nas estrelas, transmutando seu destino.” (Astro Timing News, Setembro de 1999).

Este anúncio engloba várias vertentes encontradas no nosso material empírico. A primeira delas, presente já no título da matéria acima transcrita, nos permite analisar a percepção da astrologia como uma prática não mais restrita ao campo da contracultura, do alternativo e do divinatório. Apresenta-se agora como uma das novas formas de trabalho e com uma detalhada estrutura de profissionalização. A astrologia sai de um campo considerado marginal ao mundo do trabalho formal e profissional e se propõe a estabelecer para si um espaço no qual atua enquanto prestadora de serviços (mapa astral), formadora de quadros profissionais e ferramenta de apoio às empresas da NEC (consultoria, recursos humanos, mapas empresariais), podendo ainda servir de apoio a tratamentos médicos e psicoterapias. É uma atividade que acompanha o rápido processo de transformação dos nossos dias e que se volta para as camadas médias e altas.

Desta forma, a astrologia se apresenta com as características de uma atividade de contracultura e também como uma nova forma de trabalho: *New Age* + Nova Era. Congrega assim sob a forma de uma única proposta, tanto um estilo de vida como uma opção de trabalho. A astrologia associa o lado místico, esotérico, divinatório a uma proposta empresarial e profissionalizante. Fazendo uso do discurso da “liberdade” aliada à ideologia do auto-empresariamento consegue dar conta da ideologia holística da *New Age*, bem como da proposta reestruturadora da NEC.

Um fator a ser ressaltado nestas atividades/profissões é o trabalho em casa, a reestruturação do espaço doméstico que se acompanha de uma reestruturação

do tempo. O uso do espaço doméstico “*nos horários que achar mais conveniente*” carrega em si o discurso de flexibilização da jornada de trabalho, hoje tão positivamente veiculado e que contribui para mascarar a crise do assalariamento e a multiplicação dos empregos precários, terceirizados, temporários. Essa “liberação” do local e do tempo (jornada) dedicado ao trabalho também é difundida como uma conquista para o indivíduo, possibilitando que esta exclusão seja aceita de forma pacífica e sem contestação.

“Uma atividade ideal para quem deseja uma segunda profissão para complementar a renda, ou para quem deseja trabalhar full time, mas com liberdade e desfrutando de boas possibilidades no mercado”. Esta citação deixa ver tendências Nova Era/New Age que se espelham na forma de difundir a profissão alternativa, como:

- a) A proposta de complementaridade e diálogo entre as profissões formais e as que querem se formalizar, como as “alternativas”;
- b) A tentativa de institucionalização de uma ocupação/atividade alternativa num contexto de esfacelamento das carreiras profissionais;
- c) A proposta explícita de entrelaçamento de atividades informais com um emprego formal;
- d) O fim da descontinuidade entre trabalho e lazer: o que antes era somente uma atividade identificada com o lazer, passa a compor o próprio currículo do profissional; o que era uma atividade voluntária e prazerosa realizada fora dos horários de trabalho, passa a constituir uma atividade profissional remunerada. Estamos frente à profissionalização do *hobbie* (cabendo aqui a idéia de Zona Cinza (Offe, 1992)) e à tendência a misturar horários de trabalho e de lazer, o que pode representar uma intensificação da jornada laboral.

Dentro dessa perspectiva Nova Era, mas na contramão da tendência modernizante de fragmentar carreiras e profissões que permitiam uma trajetória de trabalho linear, a astrologia procura resgatar aspectos da tradição da “academia” para a formação de uma profissão e de uma carreira. Um bom exemplo é o próprio SINARJ – Sindicato dos Astrólogos do Rio de Janeiro - que registrado no Ministério do Trabalho, congrega 500 astrólogos profissionais, “e além das atividades inerentes a um sindicato de classe, promove a cada ano o maior evento da Astrologia Brasileira, os ‘Simpósios Nacionais de Astrologia’. O SINARJ é o ponto de convergência dos astrólogos profissionais”.

A tentativa de criar uma tradição univeritária para a profissionalização de astrólogos, através da reprodução de uma rotina acadêmica¹⁹, envolve professores renomados no meio astrológico, algumas vezes ligados aos meios de comunicação, além de ligados ao SINARJ, a simpósios e a outras atividades de divulgação. São “cursos de qualidade” com uma lógica empresarial de eficiência aliada à “influência zodiacal”. Estas atividades são oferecidas por centro astrológico, localizado na Barra da Tijuca, bairro carioca onde residem camadas médias e altas, que são consumidores potenciais e eventuais produtores de serviços. No reverso da psicanálise, o aluno (ou paciente), além de se profissionalizar, passaria também a “se conhecer”: essa seria a profissionalização do autoconhecimento, na qual se unem Nova Era Capitalista e *New Age*. Seria ainda a profissionalização de uma espécie de “trabalho voluntário”, de ajuda ao próximo, retomando o lado terapêutico da astrologia. É a contemporaneização do antigo, é a mercantilização do tradicional e do alternativo, que ocorre em contradição com outras tendências profundas da NEC. No entanto, exatamente por se tratar da assimilação e formalização do que se encontrava à margem, seus portadores buscam trilhar caminhos tradicionais em busca da integração possível.

¹⁹ Encontramos muitas ocupações tentando se tornar profissões e usando o símbolo da profissão na tentativa de aumentar sua autonomia e prestígio. Tentam apropriar-se do símbolo levando a efeito muitas de suas características e práticas. Subsidiaram pesquisas, adotam códigos de ética, aumentam o período de treinamento exigido e assim por diante. O que nos leva às diferenças estabelecidas por Carr Saunders entre profissões, novas profissões e quase-profissões. (Becker, 1977)

A flexibilidade do discurso astrológico mostra grande compatibilidade com demandas e características da Nova Era Capitalista. Entre as novas e diversas especialidades que propõem estão a astrologia para Recursos Humanos, para orientação vocacional, para médicos, a astrologia empresarial etc. Mas essa flexibilidade deve ser encarada dentro de um *script*. O astrólogo é um ator privilegiado da mudança, *a nível individual*, que “transmuta seu destino”. Vendendo a si mesmo, como a própria mercadoria personalizada, este ator não muda seu *script*²⁰, que está escrito nas estrelas, mas ele muda seu *self* para “atuar conforme o texto”, sem lutar contra as circunstâncias. O *New Age* se conforma à Nova Era²¹.

7.3. O Alternativo Alimentar: do produto natural à sofisticação *slow*

7.3.1 Alimentação natural curativa e preventiva

Os sistemas alternativos de alimentação (vegetariano, macrobiótico, alimentação oriental) compõem um “complexo” e se vinculam hoje à ecologização da vida social.

A alimentação baseada no consumo de carne animal, por exemplo, é interpretada atualmente por alguns setores do movimento ecológico como excessivamente prejudicial ao meio ambiente e como um dos fatores condicionantes da fome de populações mantidas marginais, quer nos países pobres, quer nos países ricos.

Segundo Fox (1994:148-149) o que estaria sendo posto em risco pelo estilo de vida do capitalismo industrial e predatório seria a saúde do planeta Terra e, portanto, de todas as espécies interdependentes: solos, florestas, ar, águas, plantas, animais pássaros, peixes, sementes, e os seres humanos. Propõe a adesão a estilos de vida que pratiquem a “virtude ecológica” isto levaria à reinvenção da base da riqueza e da economia. Segundo ele,

“... os pobres estão pagando pela continuidade do hábito de comer carne (meet addiction) dos países ricos. Vinte vezes mais

²⁰ Segundo Rifkin (2000) *Ogni business è show business*.

²¹ Trecho retirado do *Jornal Astro Timing News*

peças podem ser alimentadas a partir de um acre²² de terra se estiverem se estiverem mantendo uma dieta vegetariana, do que se mantiverem a típica dieta... orientada para o consumo de carne. A água necessária para criar um rebanho que mantenha a dieta carnívora representa 4.000 galões²³ ao dia; para uma dieta vegetariana, seriam usados 300 galões ao dia. Mais de 50% do total de consumo de água nos Estados Unidos vão para a irrigação de terras para pastos e forragem para o gado.”(Fox, 1994:149)

O autor ainda faz referência à quantidade de dejetos produzidos pelos rebanhos e pelos frigoríficos em geral e os conseqüentes danos em termos de poluição das águas, segundo ele, superior ao causado pelas demais indústrias. Assim sendo, o vegetarianismo enquanto opção alimentar adquire uma dimensão holístico-ecológica que lhe atribui uma importância política talvez despercebida antes da divulgação de uma consciência ecológica na sociedade ocidental. Esta postura, evidentemente favorece a ampla aceitação da alimentação natural nos dias atuais e da conseqüente expansão comercial desta proposta alimentar – fenômeno que, como “onda verde” teria invadido o setor de restaurantes, lojas de produtos alimentares e fornecedores alternativos da cidade do Rio de Janeiro nos últimos meses.

Em termos individuais, a prática das diversas dietas naturalistas é vista também como terapia (efeito curativo e/ou preventivo), o que também vem favorecer sua rápida entrada no circuito comercial. Seria também fonte de energia espiritual - muitas das pessoas que relatam ter conseguido atingir a *Iluminação* acreditam que a mudança do padrão alimentar ocidental para a macrobiótica ou para uma alimentação natural é o primeiro e decisivo passo a ser dado no longo caminho em busca deste estado de meditação.

Os alimentos são utilizados como medicamentos na busca de um equilíbrio energético (yin e yang) e funcional do corpo humano. Trabalha-se com os vários tipos de alimentos, sua cor, seu sabor, sua natureza e sua consistência. Para os adeptos da dieta macrobiótica o equilíbrio obtido pelo

²² Medida agrária usada na Inglaterra e nos Estados Unidos. A norte –americana equivale a cerca de 4 mil metros quadrados.

²³ O galão americano corresponde a quase 3,8 litros

consumo de alimentos a partir do Princípio Único, a lei do Yin e Yang possibilita às pessoas, além da longevidade, atingir o estado Zen, ou seja do equilíbrio perfeito.

Os alimentos Yin tornariam o metabolismo mais lento, promovendo a calma, a sociabilidade e uma atitude mais tranqüila para com o cotidiano. Os alimentos Yang aceleram o metabolismo, o estado de alerta e precisão. Demasiado Yin pode levar à depressão, fadiga e sonolência. Demasiado Yang pode provocar tensão irritabilidade, hiperatividade e insônia. Certos alimentos são ao mesmo tempo Yin e Yang e, por isso, são considerados os mais importantes - em especial os cereais integrais, entre os quais o arroz (que seria o mais equilibrado de todos os alimentos) estariam na base do equilíbrio Homem-Natureza.

“Através da alimentação baseada no Princípio Único, nosso corpo terá a possibilidade de se restabelecer, pouco a pouco, mudando nosso comportamento, o temperamento e como conseqüência o meio e toda a sociedade” (George Osawa²⁴ Revista Nutriweb nº 301 de 13-08-01)

Os alimentos utilizados em uma dieta vegetariana equilibrada seriam, na sua maioria, alimentos com maior vitalidade, isentos de toxinas, antibióticos e hormônios. De acordo com a energia vital - positiva ou negativa - que transmitem ao nosso corpo, poderiam ser classificados:

Biogênicos – alimentos que geram vida, com alta vitalidade, a exemplo dos brotos;

Bioativos - alimentos que, consumidos crus, ativam a energia vital: frutas, ervas, hortaliças, cereais e nozes.

Biestáticos - alimentos cuja energia vital foi diminuída pelo frio ou pelo calor.

²⁴ Introdutor no Ocidente da filosofia Macrobiótica.

Biocídicos - alimentos prejudiciais à vida porque sua energia vital foi destruída por processos físicos ou químicos de refinação, conservação ou preparação.

Cada uma dessas características possui subdivisões e cada uma delas é usada para tonificar um determinado órgão, ou para produzir ou evitar uma energia específica, a qual pode estar ligada à cor, à consistência, ao sabor dos alimentos. Por exemplo: para o pâncreas usam-se alimentos amarelos e de consistência carnuda; para o fígado recomenda-se o consumo de alimentos verdes e nodosos; para o pulmão, alimentos brancos e crocantes, de sabor picante. A relação e as combinações são infundáveis. Contudo, toda esta proposta se baseia no que seria uma tomada de consciência da importância de uma alimentação correta e das conseqüências daí decorrentes, no que diz respeito ao equilíbrio energético e a uma vida saudável e cheia de disposição. A isso se soma o menor trabalho na digestão desses alimentos, o que torna maior a energia disponível para a realização de tarefas do cotidiano.

Este quadro alimentar seria complementado por propostas como: mastigar bem os alimentos, respeitar os horários das refeições bem como a quantidade de alimentos ingeridos e ainda não beber águas às refeições. Uma última recomendação seria a de não fazer mais nenhuma refeição após as 20 horas.

Os adeptos da alimentação vegetariana ressaltam que as proteínas adquiridas nesta dieta são suficientes em quantidade e qualidade inclusive para os organismos em crescimento, como é o caso das crianças. Alegam que as pessoas desconhecem que as quantidades de proteína vegetal provenientes dos brotos e dos grãos integrais (o arroz, por exemplo), são semelhantes às obtidas no consumo de carne e leite. Acreditam que as doenças do século XX foram causadas mais por excesso de proteína do que por escassez, excetuando-se naturalmente a grande massa da população subnutrida. O conjunto da população dos países ricos e das camadas mais favorecidas em todo mundo consumiria até sete vezes mais proteína do que o necessário. Este excesso causaria inúmeros problemas renais, cardiovasculares e ósseos.

Assim, a culinária naturalista demanda uma atitude que vise a produção e circulação de uma energia positiva desde a origem dos produtos, passando

por quem a prepara, pelos utensílios de que se serve até chegar ao consumidor. Todo esse ritual se baseia num “trabalho interior”, ou seja, uma atividade em harmonia com a ecologia pessoal e com uma concepção holística do que venha a ser trabalho. A escolha dos utensílios empregados na cozinha deve respeitar a mesma lógica. Assim, o material de que são feitos deve facilitar o equilíbrio energético e manter a qualidade dos alimentos. As citações que se seguem, oriundas de nossas entrevistas, deixam ver como as orientações gerais se traduzem na maneira de pensar dos que estão produzindo e colocando no circuito mercantil a alimentação natural:

Nós temos a preocupação de humanizar a comida. Então a gente fala para os funcionários que essa coisa do bom astral, da coisa fluir bem para todo mundo, dessa coisa cooperativa, cada um tem a sua função, mas cada um pode ajudar o outro, uma mão lava a outra, porque a preocupação é que a gente acredita nessa questão energética do alimento, não só a questão material, quantas calorias, quanto isso, quanto aquilo, tem essa preocupação de um bom fluido na comida então a proposta é essa a gente trabalhar com carinho, com atenção, tentar dar o melhor na comida para ela ficar bonita. (N, 45 anos, nutricionista, sócia de um restaurante vegetariano)

Eu montei uma cozinha toda na minha casa com panela de aço, de vidro, tinha um trabalho bem estruturado já. As quentinhas (com comida vegetariana) eu entregava prontinhas para pessoas na hora do almoço; então eu levava nas firmas (empresas públicas e privadas), nas casas, aonde fosse, pegava aquela área de Botafogo toda ali, eu morava em Botafogo na época e fazia minhas compras sempre na Pro Natura. Toda vez que chegavam os produtos (...) eu comprava e fazia as quentinhas, esse era o trabalho.. (M, 40 anos, sócio de uma cantina vegetariana)

Também argumentos ecológicos e éticos são levantados em favor de uma alimentação natural.

Eu acho que é uma volta ao simples em todos os sentidos, uma vida mais simples, uma comida mesmo do dia-a-dia mais simplicidade, eu acho que você começa a dar mais valor ao fato de respirar, de botar os pés no chão, é uma coisa assim que faz você está ligada com o seu meio, com a natureza você querer estar sempre perto de água, terra, verde (N, 45 anos, nutricionista, sócia de um restaurante vegetariano)

Congelados²⁵, jamais. Até porque eu gosto muito de comer, gosto de fazer, aí ele (o marido) às vezes até traz umas comidas, pizzas congeladas, que eu digo, “ai que horror!” Porque ele faz uma pizza maravilhosa. A gente tem uma máquina que faz pizza, roda uma massa rapidinho. Rapidinho uma ova, mas enfim, a gente acha que é rapidinho. Então não compro, não. Não compro nada pronto. (C, 37 anos, dona de casa, artesã de pães)

7.3.2. Alimentação e militância: macrobiótica, conversão e *iluminação*

Como ocorre nas biografias de santos, profetas e mestres espirituais em geral, cujas grandes revelações ocorrem depois de longos períodos de jejum e abstinência, entre os adeptos da contracultura e das filosofias orientais nos anos 60 e 70, momentos de *iluminação* que provocam a “grande virada” de suas vidas, sistemas de crença, militância política e outras formas de comportamento, por vezes aconteceram após uma radical mudança dos padrões alimentares tradicionais com a adoção da macrobiótica.

Foi o caso de alguns dos entrevistados que estiveram na guerrilha nos anos 70. Sua opção foi – inicialmente – pela vida, por sobreviver. Fugiam da morte, da tortura, estabelecendo-se no meio rural, levando uma vida despojada, próxima do “povo simples” (com o qual aprendiam a utilizar ervas medicinais, garrafadas, chás etc e ao qual retribuía com cuidados primários de saúde e iniciativas de natureza educacional). A impossibilidade de levar adiante uma ação político- revolucionária os leva à busca de uma radical

²⁵ Considerados alimentos bioestáticos, ou seja, sem vitalidade, encurtariam a vida.

mudança interior – uma espécie de “guerrilha pessoal”. Entraram neste processo de mudança cujo primeiro passo foi a adesão à macrobiótica – adesão tão radical que impediu a preservação dos vínculos com os movimentos armados. À macrobiótica seguiu-se a incorporação da espiritualidade oriental, em geral, e da meditação, em particular - o que exigia elevadas doses de disciplina pessoal.

A conversão à macrobiótica ocorreu entre quadros do PCB e do PC do B que circulavam simultaneamente por movimentos alternativos (tipo *beatnik* e, mais tarde, *hippie*) e que buscavam uma solução para a situação de isolamento e repressão na qual se encontravam após o golpe de Estado de 1964. Esta “solução” passou, não raro, pela vida em comunidade, pela alimentação natural e pela yoga – desdobrando-se na descoberta de terapias corporais, homeopatia, acupuntura e outras práticas alternativas. A macrobiótica é, em muitos casos, apontada como fonte de iluminação. Ela é assimilada como prática pessoal que gera militância ao mesmo tempo em que se transforma em meio de vida como serviço prestado a terceiros na busca da Saúde Perfeita.

7.3.3. Alimentação natural: profissão da Nova Era Capitalista

A alimentação é um setor ao qual se dedicam muitas pessoas que não logram integrar-se ao mercado formal ou que foram dele desligados provisória ou definitivamente. A alimentação, na verdade, é vista uma solução para situações em que há necessidade de desenvolver atividades monetarizadas a partir de uma base situada nos lares. Na verdade, ela é a primeira alternativa que se coloca na informalidade, em especial para mulheres, não só porque aquela base física (o lar) constitui um patrimônio disponível, como os conhecimentos culinários têm caráter praticamente universal. Além disso, constitui um campo quase que ilimitado de criação e isto vale para a alimentação tradicional, mas também para a alimentação natural ou *slow* – as quais vêm assumindo crescente importância, na medida em que o “alternativo” vai conquistando espaço ideológico e nas práticas concretas de segmentos das classes médias.

7.3 *Slow food*²⁶ : na contramão da padronização alimentar

May suitable doses of guaranteed sensual pleasure and slow, long-lasting enjoyment preserve us from contagion of multitude who mistakes frenzy for efficiency. Manifesto Oficial do Movimento Slow Food.

Entre aqueles que buscam formas alternativas de inserção ou reinserção no mercado de trabalho estão as pessoas que assumem como forma de ocupação para obtenção de renda ou para complementá-la, a produção de alimentos. Embora existam cadeias de *fast food*, por um baixo preço, embora comprar pão em supermercado custe mais barato, parece que não só subsiste, mas se amplia um espaço para uma alimentação preparada com mais vagar, diria até “manipulada” ressaltando na escolha do termo o radical referente à mão. O que levará as pessoas a enfrentar esta disputa entre David e Golias, e tentar colocar “amadoristicamente” no mercado um produto cujo chamariz é ser natural ou artesanal? Por outro lado, o que levará o consumidor a procurar estes produtos? De Masi (2000:110: 111) sugere que:

“A subjetividade é um fenômeno complexo. Significa que (...) posso me permitir uma escolha baseada nas minhas necessidades e recursos e não no fato de pertencer a algum grupo. Com o tempo e crescimento de nossa subjetividade de consumidores (...) tiveram que diversificar a oferta(...)cada um de nós flerta livremente autonomamente com marcas e estilos diversos(...) Nós vivemos construindo para nós mesmos combinações e arranjos pessoais (...) O homem sempre oscilou entre dois desejos: o de se distinguir e o de homogeneizar. Após duzentos anos de homogeneização forçada,

²⁶ Estamos atribuindo à expressão *slow food* um sentido amplo, no qual incluímos aqueles que mesmo não participando do Movimento assim denominado, ou até mesmo desconhecendo sua existência, revelam uma postura “slow” em relação à produção de alimentos, quer no preparo dos mesmos, quer na escolha cuidadosa de produtos, quer na atribuição de um significado de tradição ao que fazem. A *slow food*, contudo, não é necessariamente vegetariana. Seria naturalista no sentido de não fazer uso de produtos industrializados ou alterados, geneticamente ou pelo uso de defensivos agrícolas.

industrial, hoje a tecnologia nos permite diferenciar-nos e é o que fazemos.”

Para além do processo de retração do mercado de trabalho e de sua precarização, existe toda uma ideologia que justifica esta atividade, um discurso “para si” e “para outrem” (Dubar, 2000) que cerca esta prática (e outras atividades alternativas) de uma aura de romantismo, de um caráter contracultural, de rejeição ao industrialismo e a fenômenos que são vistos como consequência da era industrial. Como movimento e como ideologia, o “braço verde da alimentação” ganha – no entanto – força e notoriedade exatamente no momento em que o industrialismo é colocado em questão como tendência dominante na vida econômica. Seu combate à *fast food* encontra ressonância, portanto, não no período áureo do industrialismo e do assalariamento, mas no seu declínio. Mantém o seu viés romântico, porém encontra respaldo numa realidade em que o mundo *fast* não apenas não é para todos, como tem suas mazelas e desvantagens expostas com rigor. Paradoxalmente, o consumo do *fast* continuou democrático porque massivo, enquanto que somente os beneficiários da *fast life* (enquanto integração à esfera exclusiva de segmentos educados e atividades altamente rentáveis) passa a sofisticadamente consumir o *slow*.

Trata-se de pessoas com escolaridade superior, que tinham empregos estáveis e que passam a internalizar o auto-emprego, a ideologia do trabalhar por conta própria. Contudo, não vão se dedicar a um trabalho qualquer, mas a uma atividade que se confunde com um estilo de vida e que acaba por confundir trabalho e lazer/prazer – dando lugar à monetarização da atividade prazerosa. Seus clientes são pessoas que continuam a viver no mundo *fast* e que podem comprar serviços personalizados produzidos dentro de uma filosofia de vida *slow*. Esta filosofia de vida, contudo, mascara uma intensificação da jornada de trabalho das pessoas e dilui a fronteira trabalho-férias/lazer.

O movimento *Slow Food* é um alternativo não esotérico. Não está contemplado pela *New Age* e seu caráter contracultural se distingue da Contracultura de meados do século XX. Não pretende ter caráter diretamente terapêutico, seja preventivo ou curativo. No entanto, o *Slow* termina utilizando

argumentos voltados para a preservação da saúde e de defesa do meio ambiente, ao privilegiar a produção e conservação dos alimentos sem agrotóxicos e outros elementos químicos. Esta utilização de ingredientes “limpos” resulta na produção vagarosa e caseira, em pequenas quantidades, ao mesmo tempo em que sofisticada – na qual se sabe quem e como plantou, quem fez o vinho, quem cozinhou. Mostra-se saudável pelo tipo de ingrediente, pela forma de fazer e pela forma de comer resgatando o prazer da boa mesa, da degustação por oposição a um paladar massificado. Além disso, o *Slow* mantém parcela da população ocupada por longas horas em algo que dá prazer, permite ao mundo *fast* consumir sofisticadamente produtos provenientes de um estilo de vida que pode adquirir de forma parcial e tópica (a retalho), transpondo seus benefícios para segmentos contemporâneos incluídos, ao mesmo tempo em que alimenta a utopia da saúde e juventude perfeitas. No rastro das ocupações da Nova Era, demanda sofisticação, flexibilidade, improvisação e – ao mesmo tempo em que apresenta um lado natural, artesanal, também lança mão de tecnologia moderna (máquina de fazer pães, de amassar pizzas etc), ou seja, mantém um pé na tradição e outro nas conquistas da vida contemporânea. O somatório destas características é fundamental para a mercantilização deste tipo de alimentação alternativa, personalizada e sofisticada. Na contramão da globalização detecta-se um movimento contrário à massificação.

A este respeito e evocando Toffler (1980), De Masi (2000:112) nos chama atenção para o conceito de desmassificação:

“Estamos aprendendo a conjugar pequeno e grande, individual e coletivo. O artesanato era pequeno e bonito, depois chegou a indústria grande e feia. Hoje nós conjugamos de forma indistinta as duas dimensões: fazemos compra no supermercado e encomendamos um móvel sob medida a um carpinteiro (...) Na sociedade pré-industrial, tudo aquilo que consumíamos era produzido por nós mesmos: o pão, o macarrão, os vestidos, tudo. Na sociedade industrial, o produto se distingue do consumidor (...) Na sociedade pós-industrial (...) os meios de produção (...) se miniaturizam tornando-se cada vez mais utilizáveis no ambiente doméstico e passamos a ter mais tempo livre. E, assim

pintamos nós mesmos as paredes de nossa casa (...). às vezes fazemos escolhas mistas: preparamos um bolo no forno caseiro, mas compramos os legumes já descascados e cortados. Passa-se da standardização dos anos 60 (...) ao patchwork de hoje: canelone com massa feita em casa mas com recheio comprado já pronto?”²⁷

O mesmo autor alerta ainda que:

“Queiramos ou não, devemos saber que o único tipo de emprego remunerado que permanecerá disponível com o passar do tempo, será de tipo intelectual criativo. Para quem não estiver preparado para isso, o futuro será sinônimo de desemprego, a não ser que se adote um novo modelo de vida.... (De Masi, 2000: 96)

E acrescenta:

“As máquinas por mais sofisticadas e inteligentes que sejam, não poderão jamais substituir o homem nas atividades criativas. Portanto a aventura de buscar trabalho terá maior probabilidade de sucesso quanto mais conhecimentos o candidato tiver e for capaz de oferecer serviços do tipo intelectual, científico e/ou artístico, adequados às necessidades sempre mais variáveis e personalizadas dos consumidores” (Idem, 101) (grifo nosso).

8. Conclusão

O surgimento de novas profissões é correlato à revalorização de profissões reconhecidas porém relegadas a um plano de menor importância no “velho capitalismo”. Nesta “situação historicamente nova do capitalismo”, ou seja, no contexto da Nova Era Capitalista, as práticas alternativas adquirem uma importância social mais ampla, porque oferecem novas possibilidades e

²⁷ Pergunta da entrevistadora Maria Serena Palieri.

respondem a questões ou a necessidades que não estavam incluídas/reconhecidas na mentalidade que dominou o capitalismo ao longo de, pelo menos, sua versão keynesiana. Claro que tais práticas já estavam aí presentes. O que se modifica nas últimas décadas é sua importância social, ou seja, a ênfase que recebem. Chama, porém, a atenção o fato de que elas se imponham ao mesmo tempo em que ocorre uma verdadeira revolução no plano da genética e da bio-tecnologia enquanto radicalização da racionalidade ocidental. Poder-se-ia fazer um paralelo entre este fenômeno e a dominância da racionalidade micro-econômica que se impõe como ideologia na NEC em detrimento do pensamento macro-econômico, ao mesmo tempo em que a produção é cada vez mais realizada através de conglomerados que precisam, antes de mais nada, estabelecer estratégias mundiais verticalizadas e que as unidades produtivas se planejam como conjunto determinado e planejado de cima para baixo em todos os seus detalhes.

Esta dialética que marca a Nova Era Capitalista vincula-se à absoluta dominância do capital financeiro, cuja lógica fundamental é micro-econômica – conduzindo, segundo Negt (2001: 355-359) a produções magras e idéias *lean*. No plano social e no plano de práticas como aquelas aqui tratadas observa-se correlato deslocamento do plano macro, da vida social como totalidade, para o plano individual. Abandonada a idéia de que também o social é governado por uma racionalidade iluminista que conduz ao bem estar da coletividade, ressalta-se o seu oposto: - a fragmentação da Nova Era termina por impor o espectro simbólico e lingüístico do cotidiano e por retirar a ênfase sobre o geral, colocando-a no indivíduo.

É este indivíduo pós-moderno, cuja educação *lean* já não tem caráter emancipatório²⁸ e que conta com cada vez menor proteção por parte de um Estado mais débil – não só porque dele (dos impostos a ele pagos) recursos são extraídos pelos grupos qualificados na luta por esta apropriação, mas

²⁸ Na educação, diz ele, não se trata de servir a clientes nem de compra e venda, mas da adição de mais gordura à qual se pode apelar, de criatividade, de flexibilidade espiritual e mental. Educação no sentido amplo implica em dar voltas, buscar outros caminhos e, com isso, “perder tempo” – está muito longe da Ideologia do *just-in-time* (Negt, 2001).

porque tais recursos minguaram junto com o emprego, seu principal objeto orientador da taxaço – e ao qual se inculca a ideologia do auto-empresariamento, da competência e de uma empregabilidade como virtude individual (e não como consequência de determinadas condições sociais), que termina por substituir o raciocínio e expectativas correspondentes por apelos às artes divinatórias. Seria o mesmo caso na substituição da psicanálise por terapias corporais, caso elas realmente configurassem uma oposição. Na verdade, trata-se de uma intensificação da prática das terapias corporais e de uma retração da psicanálise que, muitas vezes, tem menos a ver com a racionalidade inerente a cada um desses campos e mais com a duração, a intensidade e o custo dos tratamentos psicanalíticos. Num outro registo deve-se entender a questão da alimentação natural e *slow*. Ambos os casos devem ser vistos dentro de um panorama vinculado à ecologia, como tratamento do corpo e como sofisticação destinada a segmentos muito restritos que têm acesso a procedimentos alimentares, por um lado, recuperados à tradição e, por outro, conquistados através de pesquisa internacional sobre a forma de produção, o lugar, a pessoa capaz de oferecer os produtos mais puros e de melhor qualidade disponíveis.

É neste contexto que muitos indivíduos na Nova Era Capitalista - oferecendo escassos postos de trabalho de longa duração e pouco propícios a carreiras profissionais – integram-se através não de uma profissão adquirida para sempre, mas através de percursos qualificatórios e profissionais os mais diversos. No futuro possivelmente não mais perguntaremos “qual a sua profissão?”, mas “qual o seu percurso profissional?”. Aqueles que agora se integram ao mercado provenientes de uma história pessoal alternativa, precisam fazer diversas e diferentes *démarches* para vencer o embate com o mercado. Por isso, podemos dizer que eles são uma parte bastante visível daqueles setores de classe média que já entraram na lógica da Nova Era do Capitalismo. Se a lógica do capitalismo desregulado sempre funcionou para as camadas populares, em especial para os não-proletários (trabalhadores da indústria, especialmente), hoje ela atinge tanto segmentos tradicionalmente proletarizados quanto substantiva parcela das camadas médias. E o faz hoje em todo o globo terrestre. Também nos países centrais o capital e os lucros se

concentram ao mesmo tempo em que as pessoas empobrecem e vêem suas oportunidades desaparecerem, sendo forçados a montar pequenas firmas nas quais enfrentam os mesmos problemas que pequenos empresários em qualquer parte. Neste sentido, entre as muitas transferências que o capital conseguiu fazer dele para as pessoas, está a da responsabilidade empresarial.

Sabemos que os segmentos alternativos assumem esta responsabilidade empresarial sem maiores conflitos pessoais. Cursos de administração financeira e micro-economia pululam por toda parte e vêm se tornando parte de uma formação básica, sendo não raro são visitados por segmentos alternativos – como vimos entre nossos entrevistados. No entanto, sendo de recente incorporação, tais segmentos mostram em sua história, de forma clara, a passagem da “profissão” ou da “não-profissão” para percursos formativos complexos, diferenciados, inesperados, mesclados à vida pessoal e familiar de modo estreito.

Assim sendo, através de percursos formativos os mais heterogêneos e fragmentários, vão se constituindo novas profissões Tomando como alavanca a combinação de estilo de vida com criatividade, a classe média pauperizada ou “entediada” do consumismo do estilo *fast* inova e atualiza as relações do mundo do trabalho, ao mesmo tempo em que desenvolve estratégias de convivência com a Nova Era Capitalista. Se o indivíduo²⁹ passa a ser considerado mais do que nunca o único responsável pelo êxito ou fracasso de seus vários percursos lhe é permitido, por outro lado, ganhar o “pão-de-cada-dia” não mais com o suor amargo do trabalho virtuoso porque carregado de sofrimento, mas “correndo atrás” de algo que lhe possibilite um trabalho criativo/prazeroso quiçá alternativo.

BIBLIOGRAFIA

ALBROW, M. (1997) *The Global Age*, Stanford, Stanford Univ. Press.
AMARAL, L. (1996) As Implicações éticas dos sentidos Nova Era de comunidade. *Religião e Sociedade*, nº 17, 1-2 (Pentecostes e Nova Era: fronteiras e passagens), p. 54-74.

²⁹ Neste indivíduo se alternam os perfis hobbesiano (Nova Era Capitalista) e rousseauiano (*New Age*) de acordo com o momento vivido em seu percurso.

ARONOWITZ, S. E DI FAZIO, W. (1994) *The Jobless Future*, Mineapolis, University of Minnesota Press.

ASTRO TIMING NEWS (1999) No mundo da astrologia. A profissão do novo milênio. Rio de Janeiro, Sindicato dos Astrólogos do Rio de Janeiro, setembro, p. 1 e 2.

BAUMAN, Z. (2000) *Modernidade Líquida*, Rio de Janeiro, Zahar.

BECKER, H. (1977), *The Nature of a Profession in Sociological Work: Method and Substance*. New Brunswick, N.J. Transaction Book.

BERNIS, M. (2000) A empresa do novo milênio. *Universus*, o jornal do amanhã, Rio de Janeiro, fevereiro, p. 1 e 2., <http://www.universus.com.br/art118.htm>.

CAROZZI, M. J. (2000), *Nueva Era y Terapias Alternativas*. Buenos Aires, Universitas.

CASTEL, R. (1998) *As metamorfoses da questão social – uma crônica do salário*. Petrópolis, Vozes.

DEJOUR (1998) Centralité ou déclin du travail ? In: Kergoat at alli, *Le Monde du Travail*, Paris, Éditions de la Découverte, p. 40-49.

DE MASI, D. (2000), *O Ócio Criativo*. Rio de Janeiro, Sextante.

DUBAR, C. (2000), *La crise des identités – l'interprétation d'une mutation*. Paris, PUF.

_____ (1991) *La socialisation* Construction des identités sociales et professionnelles. Paris, Armand Colin.

FOX, M. (1994) *The Reinvention of Work*. A New Vision os Livelihood of our Time. San Francisco, Harper Collins Publishers.

HEELAS, P. (1996) *The New Age Movement*. The Celebration of the Self and Sacralization of Modernity. Oxford, Blackwell Publishers.

<http://www.nutriweb.com>

<http://www.slowfood.com>

JORNAL DE ACUPUNTURA. <http://www.acupuntura.na.web.net>

JORNAL OXIGÊNIO (2001) Rio de Janeiro, nº15 e 16.

KERN E SCHUMANN (1984) *Das Ende der Arbeitsteilung?* München, Beck.

KOCKA, J. / OFFE, C. (Hrsg.) (2000), *Zur Geschichte und Zukunft der Arbeit*, Ffm., Campus Verlag.

LOWEN, A. (1970), *Prazer, uma abordagem criativa da vida*. São Paulo, Summus Editorial.

PAIVA E CALHEIROS (2001) “Nova Era Capitalista e percursos Identitários Alternativos”, *Contemporaneidade e Educação*, Ano VI, nº 9, pp. 109-133.

_____. (1997), Desmistificando profissões: quando as competências reais moldam as formas de inserção no mundo do trabalho. *Contemporaneidade e Educação*, Ano I, nº 01, Rio de Janeiro, Ed. Loyola.

MAGNANI, J. G. (2000), *O Brasil na Nova Era*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.

_____. (1999) O circuito neo-esotérico na cidade de São Paulo in: Carozzi, M. (org.) *A Nova Era no Mercosul*. Rio de Janeiro, Vozes, p. 27-46.

_____. (1994) *Mystica Urbe*. São Paulo, Brasiliense.

MARTINS, P. (1999), As terapias alternativas e a liberação dos corpos In M. CAROZZI 1999. (org.). *A Nova Era no Mercosul*. Petrópolis, Vozes.

MERTON, R. (1958) The Function of Professional Association, *The American Journal of Nursing*, Vol 58, nº1, pp. 50-54.

NEGT, Oskar. 2001 (Outubro). *Arbeit und menschliche Würde*. Göttingen, Steidl. 746pp.

OFFE, C. & HEINZE, R. (1992), *Beyond Employment: Time, Work and Informal Economy*. Philadelphia, Temple University Press

OFFE (1989) Trabalho: uma categoria chave da sociologia? In: OFFE, C. (Org.). *Trabalho e sociedade*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro.

PAGLIA, C. (1993) *Sexo, arte e cultura americana*. São Paulo, Companhia das Letras.

Revista eletrônica executiva Nº. 03 (1999), *O doce sabor da independência*. http://www.centroalt.pt/edigest/edusprem/edicoesup/set99_exe3_cap3.htm

REICH, W. (1977) *A Revolução Sexual*, Rio de Janeiro, Zahar.

RIFKIN, J. (2000), *L'era dell'accesso*. La rivoluzione della New Economy. Milano, Mondadori Editore.

TAVARES, F.R. (1998), *Alquimias da Cura. Um estudo sobre a terapêutica alternativa no Rio de Janeiro*. Tese de Sociologia – Universidade Federal do Rio de Janeiro, IFCS.

Toffler, A. (1980) *A Terceira Onda*, Record, São Paulo.